

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDEO NUNES DE BARROS - CSHNB
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARIA GABRIELA MACÊDO DE MOURA

DE UMA CAPITAL A OUTRA: endemias e epidemias em Oeiras e Teresina (1835-
1866).

PICOS-PI

2017

MARIA GABRIELA MACÊDO DE MOURA

DE UMA CAPITAL A OUTRA: endemias e epidemias em Oeiras e Teresina (1835-1866).

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Agostinho Júnior Holanda Coe.

PICOS-PI

2017

FICHA CATALOGRÁFICA**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí****Biblioteca José Albano de Macêdo****M929c** Moura, Maria Gabriela Macêdo de

De uma capital a outra: endemias e epidemias em Oeiras e Teresina (1835-1866) / Maria Gabriela Macêdo de Moura. – 2017.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (66 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História)-
Universidade Federal do Piauí., Picos, 2018

Orientador: Prof. Dr. Agostinho Júnior Holanda Coe

1.Endemias. 2.Epidemias. 3.Saúde e Higiene. I. Título.

CDD 628



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos vinte e quatro (24) do mês de Novembro de 2017, no Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de Maria Gabriela Macêdo de Moura sob o título **De uma capital a outra: endemias e epidemias em Oeiras e Teresina (1835-1866)**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Agostinho Júnior Holanda Coe

Examinador 1: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro

Examinador 2: Prof. Me. José Lins Duarte

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 90,0.

Picos (PI), 24 de Novembro de 2017

Orientador (a): AGOSTINHO JÚNIOR HOLANDA COE

Examinador (a) 1: Francisco Gleison da Costa Monteiro

Examinador (a) 2: José Lins Duarte

Aos meus pais,
Geraldo e Leni.

AGRADECIMENTOS

Nesses quase cinco anos de UFPI muitas pessoas se fizeram especiais não somente para realização desta monografia, mas também para que eu tivesse força para percorrer o caminho de formação e conquistar este sonho.

Inicialmente, agradeço a Deus “pois tu, Senhor, jamais abandonas os que te buscam”. (SALMOS 9:10). Ao mesmo tempo em que agradeço e também dedico este trabalho aos meus pais, Geraldo de Moura Santos e Maria Leni Macêdo de Moura por tudo o que fizeram e fazem por mim. Espero um dia poder retribuir tamanho esforço para mim proporcionar boa educação. Agradeço ainda a minha mãe por ser calma nos meus momentos de angústia e pessimismo, por ser minha amiga fiel e prestativa. Sou grata por tudo!

Obrigado ao meu irmão Gleidnilson Macêdo de Moura por demonstrar nos pequenos detalhes que torce por mim, e pela preocupação de saber constantemente se iria ou não para Universidade, acompanhado de um “tem cuidado”. Agradeço meus avós paternos, maternos, meus tios (as) e primos (as) que sempre me incentivam ao longo desta caminhada. Enfim, obrigada família!

Meu muito obrigada ao meu orientador Prof. Dr. Agostinho Júnior Holanda Coe pela paciência, conversas, conselhos, incentivos e pelas fontes históricas cedidas. Desculpa por nunca ter conseguido sair da formalidade, sempre o chamando nas nossas conversas de orientação “o senhor”, de senhor.

Ao professor José Lins que para mim é considerado um exemplo de humildade e competência. Obrigada por mim ensinar como devo ser enquanto ser humano. Sairei da Universidade levando um pouco de você, da sua humildade e prestatividade.

Ao professor, diretor, pesquisador e que ministrou a disciplina mais burocrática do curso (Estágio I e Estágio II), Gleison Monteiro. Agradeço pela sensibilidade, paciência e por todas as conversas que tivemos no intuito de sanar dúvidas tanto em relação ao estágio quanto em relação a outros assuntos, te admiro bastante.

E aos demais professores com quem entramos em contato ao longo do curso e que contribuíram para a minha formação. Como o professor Raimundo, Nilsângela, Olivia, Fabio, Luís Felipe, Iael, Erica Lopô, Mona Ayala, Karla Ingrid, Carla Silvino, Ana Paula, Katia, Garder, Lurdes, Mairton, Sabrina, David, Jaziel, Naldinei enfim a todos!

Não posso esquecer as minhas grandes amigas. Katiany Brito pelas caronas compartilhadas, bem como dos trabalhos em grupo, seminários, festas, conversas, choros, alegrias ao longo de três anos. Agradeço imensamente pela amizade que ficou. Por questões pessoais você decidiu traçar outras metas, e eu, como amiga para além da UFPI não poderia ter outra atitude a não ser te apoiar. Torço pelo seu sucesso, abraços!

A minha querida amiga, irmã do coração Alessandra Matos de Carvalho, porque além de ser uma grande companheira, contribuiu para o meu crescimento pessoal, você sem perceber me ensinou a ser mais responsável e segura. Juntas procuramos a cada dia superar os obstáculos e a lidar com as dificuldades, uma apoiando a outra quando necessário. MUITÍSSIMO obrigada, prezo pela sua amizade!

A minha amiga Patrícia (Paty Paty) que além de companheira de sala, de pesquisa, se tornou uma pessoa bastante importante pela simplicidade e companheirismo. Você é do tipo de pessoa que tem relação boa com todos e que não tem vergonha de nada, sendo assim tornou as noites de aulas da UFPI mais agradáveis. Além disso, como amiga, me ajudou a melhorar a oralidade, me fazendo perceber que não poderia falar tanto “tipo assim” nos seminários. Tenho carinho imenso por você!

A Tamires, Eunice, Dayana, Wesley, Cleovan, Maelson, Nádia, Nicael muito bom conhecer vocês e poder conversar, aprender, ensinar, aconselhar e também receber conselhos. E aos demais colegas pelo convívio diário e respeito. Ao meu namorado Lucas Veloso, pelo companheirismo e incentivo! Obrigada a todos.

Agradeço também aos órgãos responsáveis pelas bolsas de estudo que recebi durante o curso de graduação. A primeira bolsa referente à PREX (Pró-reitoria de extensão) com duração de um ano, no referido mês de março de 2016 a março de 2017, e a segunda referente a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior), no qual recebi a bolsa durante 8 meses, referente ao mês de agosto de 2017 a março de 2018.

Na primeira ocasião, atuei como bolsista depois de já ter passado um ano pesquisando como voluntária no Nupedoch - Núcleo de Pesquisa e Documentação em História. Na segunda ocasião prestei serviço na escola Normal Oficial de Picos pelo PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência). Os programas além de ter me proporcionado uma renda para suprir as minhas necessidades acadêmicas, também foi de fundamental importância para o melhoramento do desempenho da minha profissão.

“De facto, o ser humano de cada época vai realizando aquilo que pode, de acordo com as raízes, as heranças que recebeu e os novos dados que consegue introduzir neste patrimônio universal que são a cultura e a ciência do seu tempo”

Eugenio dos Santos (1983)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo contribuir com as discussões sobre endemias e epidemias e dar visibilidade para as transformações sociais decorrentes da preocupação com o estado de saúde pública durante os anos de 1835 a 1866 em Oeiras e Teresina. Enfoca as medidas adotadas pelos presidentes de província e médicos para prevenir ou amenizar as doenças nas capitais piauienses. Neste sentido, tomamos as atitudes dos presidentes como ações pautadas na medicina social, para prevenir doenças e normatizar o comportamento higiênico e corporal dos indivíduos, principalmente dos pobres ociosos que eram tidos como “classe perigosa”. Neste sentido, o corpo documental para o desenvolvimento desta pesquisa é composto por relatórios de Províncias da Assembleia Legislativa encontrados no Núcleo de pesquisa, História e Memória e jornais como “*o Correio*”, “*Liberal piauiense*”, “*A voz da verdade*” e “*A época*” encontrados no Arquivo Público do Estado do Piauí.

PALAVRAS-CHAVE: Endemias. Epidemias. Saúde. Higiene.

ABSTRACT

This work aims to contribute to the discursions about endemias and epidemics and to give visibility to the social transformations resulting from the concern with the state of public health during the years from 1835 to 1966 in Oeiras and Teresina. It focuses on the measures taken by provincial presidents and doctors to prevent or ameliorate diseases in the state capitals of Piauí. In this sense, we take the actions of the presidents as social science, to prevent diseases and to regulate the hygienic environmental and corporal behavior of the individuals, especially the idle poor who were considered as "dangerous class". In this sense, the documentary body for the development of this research is composed of reports of Provinces of the Legislative Assembly found in the Nucleus of Research, History and Memory and newspapers such as the *Correia* and *Liberal Piauíense*, found in the Public Archive of the State of Piauí.

KEY WORDS: Endemias. Epidemics. Health. Hygiene.

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

APEPI – Arquivo Público do Estado do Piauí.

BN – Biblioteca Nacional.

NUPEDOCH – Núcleo de Pesquisa e Documentação em História.

NUPEM – Núcleo de Pesquisa, História e Memória.

LISTA DE FIGURA

FIGURA 1: A cidade de Teresina no século XIX, ano de 1872.....	48
--	----

LISTA DE TABELA

TABELA 1. Demonstrativo do número de enfermos tratados no Hospital Público de Oeiras, então capital do Piauí, nos anos de 1845 -1846.....28

TABELA 2. Mapa dos doentes que entraram no hospital da Caridade de Teresina desde o dia 15 de fevereiro até 1854.....49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2. PREOCUPAÇÕES COM A SAÚDE PÚBLICA, COM A DOENÇA E COM OS DOENTES EM OEIRAS.....	19
2.1. Descontinuidade entre a atuação política e o projeto de medicina social.....	19
2.2. Medo na cidade: varíola.....	34
3. TRANSFERÊNCIA DA CAPITAL: PREOCUPAÇÕES COM O MEIO E COM O CORPO COMO FORMA DE PREVENIR DOENÇAS.....	41
3.1. Vila Nova do Poty, discurso civilizador e prevenção de doenças.....	41
3.2. Chegada da varíola, possíveis motivos para a proliferação e tratamento em Teresina.....	53
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	61

1. INTRODUÇÃO

O estudo sobre endemias e epidemias na história tem se tornado no Brasil cada vez mais frequente¹. O interesse em pesquisar sobre o tema: DE UMA CAPITAL A OUTRA: endemias e epidemias em Oeiras e Teresina (1835-1866) se intensificou quando fomos inseridos ao núcleo de pesquisa e documentação em História (Nupedoch) e passamos a participar do projeto intitulado: Por uma História da Saúde e da Doença: levantamentos de fontes históricas sobre práticas de cura e institucionalização médica no Piauí e Maranhão (séculos XVIII, XIX e XX)², nos possibilitando entrar em contato com a documentação que deu origem a este trabalho.

Através do estudo bibliográfico sobre a História da Saúde percebemos que apesar da difusão crescente de novas abordagens teórico-metodológicas no campo historiográfico brasileiro, há ainda no Piauí uma carência de estudos voltados para esta linha de pesquisa. Este trabalho é relevante porque temos o objetivo de contribuir com as discussões sobre endemias e epidemias e dar visibilidade para as transformações sociais decorrentes da preocupação com o estado de saúde pública durante o período em questão. Podendo ainda, a partir da compreensão da medicina social desenvolvida no século XIX, ser feito um paralelo dos requisitos que temos atualmente com relação às políticas públicas³ para promover a saúde da população.

¹Dentre os trabalhos desenvolvidos citaremos alguns que entramos em contato ao estudar sobre o tema: MONTEIRO, Denise Brito. **A EPIDEMIA DE VARÍOLA E A VACINAÇÃO OBRIGATÓRIA: Repercussão na sociedade recifense no início do século XIX.** Dissertação (titulação de mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco). Recife, 2015; SILVA, Rafaela Martins. **AS FACES DA MISERICÓRDIA: a Santa Casa de Teresina na assistência pública (1889-1930).** Dissertação (titulação de mestrado em História do Brasil). Teresina, 2016; OLIVEIRA, Eliezer Cardoso de. **A epidemia de varíola e o medo da vacina no Goiás.** Artigo. **História, Ciência, e Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro**, v.20, n.3, jun.-set. 2003; p. 939-962; SANTOS, Nádia Narcisa de Brito. **CIDADE IDEAL E REAL: discurso civilizador e práticas higiênicas em Teresina (1852-1877).** Monografia. (graduação em História). Picos, 2016; ARAÚJO, Romão Moura de. **A medicina social no Piauí da primeira República: Saúde Pública e Serviço de Saneamento Rural (1890- 1930).** Monografia. (graduação em História) . Picos, 2014.

² Projeto cadastrado na PREX, sob coordenação do professor Dr. Agostinho Júnior Holanda Coe. Através da inserção no projeto entramos em contato com as fontes, primordial para o desenvolvimento desse trabalho. Os jornais que circulavam nos anos de (1835-1866) em Oeiras e Teresina podem ser acessados no acervo da Biblioteca Nacional Digital do Brasil: < <http://acervo.bndigital.bn.br/> >ou no APEP (Arquivo Público do Estado do Piauí) e os Relatórios de Província da Assembleia Legislativa encontrados no NUPEM (Núcleo de Pesquisa, História e Memória).

³ No século XIX a denominação “saúde pública” era utilizada para o que conhecemos hoje como política pública, ou seja, as ações realizadas pelo Estado podendo ou não ter a participação de empresas privadas para assegurar os direitos dos cidadãos, e evitar que doenças epidêmicas e infectocontagiosas como varíola, impaludismo, sífilis, verminoses e doenças venéreas em geral atingissem a população. Disponível em: SILVA, Rafael Martins. **AS FACES DA MISERICÓRDIA....**Op.cit.47

Na metade do século XIX o Brasil ficou marcado por significativas transformações sociais, devido às reformas urbanas e higienistas tendo como principal intuito a prevenção de doenças. No Piauí, mais especificamente em Oeiras e Teresina capitais do Estado, umas séries de ações passaram a ser realizadas pelos presidentes de província⁴ com a finalidade de melhorar a saúde pública, civilizar o meio e atingir o progresso. Partindo desse entendimento, nosso objetivo é compreender quais são as preocupações em relação à saúde pública e explicar quais as medidas adotadas pelos presidentes de província primeiramente em Oeiras nos anos de 1835-1852 e posteriormente em Teresina 1852 a 1866, enfatizando até que ponto tais medidas tornaram-se positivas ou negativas para prevenir doenças endêmicas e epidêmicas, como o caso da varíola.

Para entender o que propomos no trabalho se faz necessário compreender o conceito da classificação das doenças naquele período. As doenças podiam ser classificadas em dois tipos: endemia e epidemia. Para Sidney Chalhoub (1996) as endemias eram doenças que apareciam e permaneciam por um determinado tempo, por causas locais. Acrescentando a esta explicação, Allisson Eugênio (1985), nos diz que as endemias em Minas Gerais assolavam vários territórios desde tempos remotos, ou seja, eram doenças comuns que “*todos os anos apareciam* fazendo suas vítimas em uma ou outra localidade e, às vezes, em toda a província”⁵ (grifo nosso), podendo ter uma maior duração e atacar grande número de pessoas no mesmo tempo e lugar, se tornando uma epidemia.

Nosso intuito é demonstrar os conceitos de endemias e epidemias a partir de termos biológicos e também como as doenças eram definidas a partir de experiências sociais específicas.

As doenças atingindo ou não, um grande número de pessoas, no mesmo tempo e lugar são eventos históricos e que alteram as ações sociais. Como explica Arlete Audi Brasil Gazeta (2006) “não podemos imaginar a doença como algo forjado, somente nos

⁴ No início do século XIX o cargo de presidente de província era assumido por pessoas que vinham de outras regiões e ganhavam destaque desde o período Colonial, por se tornarem grandes fazendeiros como é o caso de Sousa Martins. A partir da metade do século XIX com as transformações na estrutura social estes cargos passaram a ser assumidos por doutores, advogados ou militares. Disponível em: OLIVEIRA, Maria Amélia Freitas Mendes de. **A balaiada no Piauí**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985. p. 162.

⁵ EUGÊNIO, Alisson. **Fragilidade pública em face das epidemias na segunda metade do século XIX mineiro**. Rio de Janeiro: várias histórias, julh.2004.p.211- 234. p.216. Disponível em: < https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/572cb101e3214080c968afa7/1462546703094/10_Eugenio%2C+Alisson.pdf > acesso 25/10/2016

bastidores da ciência, mas devemos pensa-la a partir das complexas relações”⁶, que faz com que os indivíduos de uma sociedade se articulem socialmente, culturalmente e politicamente para dar respostas em meio ao surgimento de doenças que causam pavor e morte.

Foi por volta do século XV que as mudanças das ações sociais se deram para que houvesse uma distinção na classificação das doenças, sendo construído na mentalidade das pessoas, principalmente da França, a sensação de medo e vergonha em relação a diversos surtos endêmicos e epidêmicos. Medo porque na concepção da época algumas doenças estavam ligadas ao não cumprimento dos preceitos cristãos, e vergonha porque determinadas moléstias estavam ligadas a aspectos de incivilidade, relacionados ao “atraso cultural” e a deficiente estrutura dos grandes aglomerados urbanos⁷.

As explicações religiosas aos poucos vão sendo substituídas ou somadas às razões higiênicas e a necessidade do cuidado com a saúde, defendida pela medicina “científica” a partir do início do século XIX no Brasil. Porém na Europa desde o século XVII Michel Foucault (2013) denomina de Medicina Social o crescente cuidado com a saúde e a medicalização dos corpos – no sentido de estabelecer controles sobre o comportamento da sociedade e das relações humanas⁸. O termo “Medicina Social” passou também a ser utilizado no Brasil por Roberto Machado (1978) no livro “A Danação da Norma” para explicar a implementação de um projeto de medicalização da sociedade no século XIX, prevenção das doenças nas cidades e sua população, sendo naquele momento de responsabilidade do médico classificar e controlar através de medidas preventivas às doenças “antes mesmo que elas eclodam”⁹.

O surgimento da Medicina Social fez com que houvesse profundas transformações na estrutura social não somente no Piauí, mas em várias regiões do Brasil, tendo como principal intuito a prevenção de doenças contagiosas e/ou infecciosas. Os médicos contagionistas em Oeiras, como é o caso de Simplício de Sousa Mendes, médico do partido público, juntamente com o poder legislativo no início do século XIX, utilizavam métodos de isolamento e quarentenas para evitar doenças relacionadas ao

⁶ GAZETA, Arlete Audi. A doença. In: **Uma contribuição à história do combate à erradicação da varíola no Brasil: do controle a erradicação**. Tese. (Doutorado em História). Rio de Janeiro, 2006. p.7.

⁷ ELIAS, NOBERT. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. 2 ed. 1. Rio de Janeiro. Zahar, 2011.

⁸ FOUCALT, Michel. O nascimento da medicina social. In: **Microfísica do poder**. 27 ed. São Paulo: Graal, 2013, p.163.

⁹ MACHADO, Robert et al. **Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro. Graal, 1978. p.8

trato respiratório, tais práticas foram bastante perceptíveis na documentação analisada – jornais e relatórios de província da Assembleia Legislativa – pois era recorrente na documentação a referência ao uso do isolamento do indivíduo doente, para evitar que as moléstias atingissem outras pessoas.

Já os médicos infeccionistas produziram o arcabouço ideológico para as reformas urbanas ocorrida em várias cidades do Ocidente, principalmente na segunda metade do século XIX, pois estes acreditavam que além da mudança nos costumes com relação à higiene do corpo, os indivíduos deveriam higienizar o meio, sendo de responsabilidade das autoridades locais a implementação de uma saúde pública¹⁰ em várias regiões do Brasil, inclusive no Piauí, mas especificamente na nova capital do Estado, Teresina, em que muitos médicos passaram a assumir o cargo de presidente de província para amenizar a proliferação de doença. Portanto, há uma preocupação das autoridades políticas para estabelecer a saúde pública como forma de dar respostas sobre os meios necessários para a contenção das doenças.

No Piauí, mais precisamente em Oeiras, no ano de 1835 foi dado início a impressão de maneira oficial dos relatórios de Província da Assembleia Legislativa. O relatório de Província feito pelo presidente de província e dirigido à Assembleia Legislativa era uma imposição do governo Imperial para o Presidente de Província, disposto no Artigo 8 do Ato Adicional da Constituição do Império. São documentos que registram a atuação dos presidentes nos anos em que governaram o Piauí, além de depararmos com a descrição de como se encontrava a sociedade em termos econômicos e políticos. No primeiro ano em que foi impresso, 1835, não havia nenhum tipo de divisão, ou seja, os conteúdos eram abordados aleatoriamente, apenas nos anos seguintes é que começamos a perceber a descrição de vários temas separadamente. Era destinado um espaço no documento para relatar sobre a tranquilidade e força pública, finanças, vacina, hospital da Caridade, enfim, tudo o que envolvia a função do Estado.

¹⁰A saúde pública, segundo Nikelen Acosta Witter (2007) pode ter dois significados. O primeiro significado relaciona-se a ideia de saúde da população, campo de saúde coletiva e saúde como preocupação social. O segundo significado relaciona-se com a atuação do Estado junto à sociedade e campo político governamental da saúde pública e suas implicações em termos de urbanismo, higienismo, educação e prevenção. Disponível em: WITTER, Nikelen Acosta. **Males e endemias: sofredores, governantes e curadores no sul do Brasil**. Tese (Doutorado em História). Niterói, 2007.

Nesse mesmo período já circulavam alguns periódicos que nos possibilitam perceber algumas disputas políticas entre liberais e conservadores¹¹, além de aspectos sociais e alterações das ações políticas implementadas pelo Estado para prevenir doenças. Sobre a imprensa no Piauí, a historiadora Nilsângela Cardoso de Lima (2011) nos explica:

O acontecimento jornalístico é um fragmento de uma multiplicidade de acontecimentos cotidianos, que capturados pela narrativa dos jornalistas é levado ao conhecimento do público na forma de notícias (...). Aqueles que atuavam no fazer jornalístico, na redação e produção de notícias desempenha um papel para o campo político. Configurando como imprensa de opinião, exercendo certa importância para um grupo da sociedade, pois as notícias contribuem para a formação da opinião pública¹².

Essas fontes hemerográficas narravam às reações de uma parte da sociedade e eram “mediado (a)s por valores e interesses de classe, manipuláveis em seus conteúdos e informações”¹³. A partir dessas fontes, optamos por analisar criticamente as endemias e epidemias conforme registrado por médicos, autoridades e a elite letrada, levando em consideração a influência exercida por esses grupos na produção escrita e nas discussões, em relação à saúde pública no Piauí, e também voltando o olhar para a realidade da camada pobre.

No ano de 1852 a sociedade piauiense passava por profundas transformações. Os jornais *a Ordem*, *Escolástico*, *Argos Piauiense*, além de abordagem política, passavam a trazer em suas edições textos de cunho literário e que também auxiliavam a compreender o Piauí. Além disso, ocorre a transferência da capital de Oeiras para Teresina, tendo como principal motivo a melhora no processo de urbanização, higienização, modernização e progresso relatado em documentos da época¹⁴.

¹¹ O país era governado de forma monárquica pelo D. Pedro II, no qual, este limitava o poder das elites locais. Nas províncias existia a divisão de partidos em conservadores - que procuravam se manter no poder, mantendo também o governo monárquico e liberais - que procuravam derrubar o regime e tomar o poder para governar. Estes políticos geralmente eram atrelados a grupos familiares que tinha interesses econômicos na política. Através do poder de elite local ambos os partidos fundavam jornais que serviam de porta-voz das ideias dos partidos e dos anseios de suas famílias. Disponível em: LEAL, Ana Regina Barros Rego. **Imprensa piauiense: atuação política no século XIX**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

¹²LIMA, Nilsângela Cardoso. **Imagens de Teresina (PI) no século XIX-XX: sentimentos tramas urbanas e práticas jornalísticas**. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História- ANPUH. São Paulo, Julh.2011. p.5.

¹³MACIEL, Laura Antunes. **De “o povo não sabe ler” a uma história dos trabalhadores da palavra**. São Paulo, 2006. p.278

¹⁴Relatórios de províncias encontrados no NUPEM – (Núcleo de Pesquisa, História e Memória) – Campos Universitário Ministro Petrônio Portela e jornais que circularam no período de 1835-1852 e 1852

Percebemos que em Oeiras e Teresina as doenças se deram de maneira específica, e em épocas diferentes de outras regiões, não tendo como serem explicadas apenas através de um estudo comparativo, mas a partir das indagações das próprias fontes que nos comunicam o período em que as doenças mais ocorreram nas duas capitais e quais as ações sociais elaboradas por esta sociedade, a fim de evitar a entrada dos mesmos flagelos que assolavam outras regiões.

Partido da ideia inicial de elaborar um estudo dentro da perspectiva de uma história da saúde, organizamos os capítulos da monografia de forma a tentar responder as questões que foram surgindo ao lermos a documentação acerca das endemias e epidemias em Oeiras e Teresina. No primeiro capítulo dividimos a abordagem do conteúdo em dois tópicos. No primeiro tópico, procuramos compreender a atenção dada a saúde pública pelos órgãos governantes, e como o saber científico e poder político se alinharam para dar respostas significativas para sociedade com relação à saúde e as doenças na capital de Oeiras nos anos de 1835-1852, no segundo tópico descreveremos o medo que a população cria em relação a varíola que assolava territórios vizinhos e as medidas adotadas pelos presidentes. Somente tendo clareza sobre os elementos que constituíram a agenda pré-existente destinada ao primeiro capítulo é que podemos compreender as medidas tomadas com maior intensidade a partir da metade do século XIX, a fim de evitar doenças endêmicas e epidêmicas.

No segundo capítulo, procuramos entender quais foram às ações sociais tomadas pelos políticos nos anos de 1852 a 1866 como forma de prevenir doenças, tendo em vista que a salubridade do corpo e do meio foram questões mais discutidas a partir da metade do século por Presidentes de Províncias e divulgadas em jornais, como forma de deixar a população a par do que acontecia dentro e fora de Teresina. De tal maneira, sistematizamos o capítulo em dois itens: No primeiro tópico abordaremos a transferência da Capital de Oeiras para Teresina tendo como principal justificativa para a transferência a aproximação da capital com o comércio de outros locais. No segundo tópico descrevemos sobre a implantação de medidas para tratar a varíola, quando esta doença atingiu a região em 1865, e elencar os possíveis motivos para a proliferação dessa doença atingir principalmente a classe pobre. .

a 1866 encontrados no APEP (Arquivo Público do Estado do Piauí) e também disponíveis no site da biblioteca Nacional e Digital do Brasil- <<http://acervo.bndigital.bn.br/>>.

2. PREOCUPAÇÕES COM A SAÚDE PÚBLICA, COM A DOENÇA E COM OS DOENTES EM OEIRAS.

Neste capítulo, compreenderemos a atenção dada à saúde pública pelos órgãos governantes e como o saber científico e poder político se alinhou para dar respostas significativas para a sociedade com relação à saúde e as doenças na capital de Oeiras nos anos de 1835-1852, uma vez que as ameaças de doenças epidêmicas eram constantes, já que durante a época já assolava países vizinhos.

No primeiro tópico, abordaremos o projeto de medicina social e a atuação política dos presidentes de província, demonstrando que apesar de alguns se esforçarem para a implantação deste projeto que visava transparecer um ideal de uma cidade produtora e propiciadora de saúde dos habitantes, na realidade faltou muito para que o Piauí alinhasse teoria à prática justificada principalmente pelas condições econômicas.

No segundo tópico, abordaremos o medo que a população desenvolveu do contágio pela varíola, sendo notificada tanto pelos presidentes de província nos relatórios dos presidentes, quanto nos jornais quais eram as regiões mais próximas acometidas epidemicamente, sendo tal experiência vivenciada pelo povo através do medo de contágio ou infecção.

Somente tendo clareza sobre os elementos que constituem a agenda pré-existente destinada a este capítulo, no qual o foco espacial é a capital de Oeiras, passaremos a compreender as medidas tomadas com maior intensidade a partir da metade de oitocentos, com a finalidade de diminuir doenças endêmicas e epidêmicas.

2.1- Descontinuidade entre a atuação política e o projeto de medicina social

As doenças endêmicas e epidêmicas fazem parte da história do povo piauiense, se recuarmos para o processo de ocupação do Piauí no Período Colonial, perceberemos que os migrantes que se fixaram nesse território vindos da Bahia, Maranhão, Ceará e Pernambuco¹⁵ através do contato direto (pessoa a pessoa) ou indireto (pessoa a

¹⁵ MONTEIRO, Francisco Gleison da Costa. Ocupação, povoamento e modo de viver nas Ribeiras do Piauí. In: “(...) **cumprindo ao homem ser trabalhador, instruído e moralista**”: terra, trabalho e disciplina aos livres pobres na província do Piauí (1850 -1888). Tese (Doutorado em História), Recife, 2016. p. 40-67

objeto)¹⁶, contribuíram para proliferação de doenças como a varíola que dizimou vários nativos¹⁷ durante o século XVII, XVIII. Mesmo no século XIX, os índios foram acometidos por “paludismo, gripe, desarranjos intestinais”¹⁸ nos aldeamentos¹⁹, o que influenciou ainda mais na queda da densidade populacional nativa. Além disso, os próprios invasores acabaram por adquirir doenças próprias da região, como é o caso da febre intermitente que ocorria no fim dos períodos invernosos²⁰ ocasionado pela utilização das águas dos rios contaminados²¹.

Banhado por várias bacias hidrográficas, rios e lagos, o Piauí se desenvolveu²². Os primeiros habitantes ao chegarem no “sertão de dentro” se instalaram perto do rio Canindé²³, sete léguas de Vila da Mocha²⁴, na fazenda denominada de Cabrobó²⁵ e posteriormente se expandindo juntamente com o gado para outros locais que possuíam rios, propiciando a própria sobrevivência. A água dos rios, além das suas imensas qualidades já retratadas acima, causavam transtorno e medo para população por ser um dos principais fatores do surgimento de doenças.

O medo de epidemias assolava os principais centros urbanos, ou seja, quaisquer vilas e cidades onde se concentrava um pequeno contingente populacional agrupado²⁶ e se desenvolvia um significativo comércio entre municípios e fora da província estava

¹⁶ Os viajantes Spix e Martius na obra “viagem pelo Brasil” explicam como vários índios do Piauí e Maranhão adquiriram a Varíola de forma indireta, sendo o contato com roupas contaminadas, cedidas pelos cristãos uma das principais causas de contágio, proliferação e morte dos povos nativos. Disponível em: SPIX, J. B.V e MARTIUS, C. F. P. Viagem de Oeiras, passando pela vila de Caxias, a São Luís, capital do Maranhão. In: **Viagem pelo Brasil 1817 -1820**. Tradução Lúcia Furquim Lahmeyer. São Paulo. EdUSP, v.3, 1981, p. 236.

¹⁷ Idem, p. 235.

¹⁸ NUNES, Odilon. **Pesquisas para a História do Piauí**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves/FUNDAPI, 2007. p.273

¹⁹ Além das doenças, vários foram os motivos de dizimação dos índios como a perseguição dos próprios presidentes de província no século XIX para deixar o “território livre” para os colonos. Existia ainda o processo de catequização para converter os índios em cristão novos, utilizando a mão de obra dos mesmos, nos aldeamentos, marcado por condições desumanas e alimentação de péssima qualidade a densidade demográfica cada vez mais reduzia. Ver: SPIX, J. B.V e MARTIUS, C. F. P. V, Op. cit. 1981, p. 236.

²⁰ **Relatório do presidente de província do Piauí**. Presidente Sousa Ramos. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia Provincial. 7 de julho de 1844. p. 34.

²¹ Idem.

²² BRANDÃO, Tania Maria Pires. **A elite colonial piauiense: família e poder**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995. p.33.

²³ SPIX, J. B.V e MARTIUS, C. F. P. Op. cit., p. 225

²⁴ Denominação dada em 1717 á localização que posteriormente foi fundada com o nome de Oeiras do Piauí em 1761, tornando-se capital da província. FILHO, Alcebiades Costa. Atividades econômicas e sociedade. In: **A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí (1850-1889)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.

²⁵ Idem, p.54.

²⁶ Idem.

propenso ao aparecimento de surtos epidêmicos. No Piauí, as principais vilas e cidades eram: Oeiras, Parnaíba, Campo Maior, Poty, São Gonçalo, Jerumenha, Valença, Marvão, Príncipe Imperial, Paranaguá, Piracuruca, Jaicós e Barra. Vejamos a seguir uma vila atingida por varíola:

No termo de Valença três indivíduos infeccionados da peste que logo comunicou – se a huma mulher. Participando o respectivo Delegado este acontecimento, determinei lhe que sem demora fizesse retirar todos estes enfermos para hum ponto distante da estrada e que ficasse inteiramente privado de comunicações, mandando procura pessoas que tivesse Bexigas para lhes servirem de enfermeiras.²⁷

O trecho acima deixa evidente a preocupação com a saúde pública e coletiva da população, apesar do surto ter ocorrido em Valença a medida serviu como modelo para toda província, pois com a realização do isolamento dos indivíduos doentes evitava-se a circulação das doenças nas outras cidades e na capital, Oeiras. Tal medida estabelecida pelo presidente de província Sousa Martins foi instaurada para promover o bem-estar geral, pois esta preocupação manifestava o desejo de prevenir doenças tanto de caráter endêmicas quanto epidêmicas e que assolavam províncias vizinhas como Maranhão e Bahia²⁸. No ano de mil oitocentos e quarenta e três na vila de Valença já havia notícias de três indivíduos doentes acometidos pela tão temida Varíola.

O isolamento era a principal medida implantada até a metade do século XIX como forma de prevenir que a população fosse acometida por doenças, fazendo-se eficaz apenas por um período. Os acometidos por doenças eram geralmente expulsos do centro da cidade, para locais distantes da estrada em que não houvesse comunicação com outras pessoas, podendo procurar inclusive alguém que já tivesse sido acometido pela doença para lhes servirem de enfermeiros²⁹, dentre as possibilidades estavam os “religiosos e escravas criminosas”³⁰ que também prestavam serviços aos enfermos.

Os religiosos geralmente prestavam serviços aos doentes por acreditarem estar ligados ao outro mundo, tendo como uma das suas principais crenças a possibilidade de salvação pela caridade. E as “escravas criminosas”, assim como no período Colonial relatado no livro “ A danação da norma” do autor Roberto Machado, podem ter sido

²⁷ **Relatório do presidente de província do Piauí.** Presidente Visconde, de Parnaíba. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia Provincial. 7 de julho de 1843. p. 9.

²⁸ Idem.

²⁹ **Relatório do presidente de província do Piauí.** Presidente Sousa Ramos. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia Provincial. 7 de julho de 1843. p. 9.

³⁰ MACHADO, Roberto. *et al.* **Danação da Norma:** medicina social e constituição da Psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro, Graal, 1978. p.81.

condenadas a atuarem como enfermeiras em Oeiras, sendo uma justificativa para quantidade relativamente alta de escravos doentes até a metade do século, cerca de 80 no ano de 1845 que deram entrada no Hospital da Caridade desta cidade.

Percebe-se por meio dos relatórios dos presidentes de província que no início do século XIX as questões de saúde pública em Oeiras ainda precisavam de maior atenção. Além disso, a ação política para melhoramento da saúde pública não estava em consonância com o projeto de uma medicina social, que precisava encontrar os problemas na higiene urbana para com isso conter o aparecimento de doenças que pudessem acometer uma grande quantidade de pessoas.

No Brasil, mas especificamente no Rio de Janeiro no ano de 1829, os médicos e cirurgiões que vinham da corte Imperial e procuravam se afirmar como profissionais que promoveriam a saúde, os chamados “guardiões da saúde”³¹, defendiam um projeto de medicina social pautado na:

[...] transformação do espaço para eliminar causas de doenças, construção de uma cidade produtora e propiciadora de saúde dos habitantes; intervenção anterior à doença, ação que abrange toda a sociedade e não somente os doentes; criação de um espaço terapêutico e não de um espaço de exclusão.³²

Os médicos passaram a buscar com maior ênfase a institucionalização de suas práticas, sendo responsáveis por analisarem o meio e o corpo, a fim de indicar para o poder público quais as medidas que deveriam ser tomadas, sendo estes profissionais responsáveis por destruir ou transformar tudo aquilo que era considerado nocivo à saúde do indivíduo e das cidades.

No geral, a historiografia brasileira já citada nesse trabalho, como Sidney Chalhoub (1996) e Roberto Machado (1978) divide os médicos desse período a partir dos defensores das teorias de contágio ou infecção. Os médicos adeptos das teorias contagionistas acreditavam que as doenças poderiam ser transmitidas de pessoas a pessoa, diretamente através do contato físico e indiretamente através do toque em objetos contaminados ou da respiração do ar que circulava³³. E os médicos infeccionistas acreditavam que:

[...] os miasmas – emanções maléficas, proveniente de matéria animal ou vegetal em decomposição - seriam os responsáveis pelas

³¹ ARAÚJO, Romão Moura de. **A MEDICINA SOCIAL NO PIAUÍ DA PRIMEIRA REPÚBLICA: Saúde Pública e Serviço de Saneamento Rural (1890 – 1930)**. Op.cit. ??

³² MACHADO, Roberto. *et al.* **Danação da Norma...** Op. cit., p. 82

³³ CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril...** Op. cit., p.65

infecções que alteravam as condições do ar, causando terríveis moléstias.³⁴

Nas doenças causadas por infecção era possível que um indivíduo doente transmitisse a doença para outro indivíduo, não através do contato, mas a partir da alteração do ar ambiente que circundava nos meios, o ar passava a ser uma causa comum que propiciava a proliferação de doenças quando este se encontrava contaminado. “Os paradigmas médicos do contágio e da infecção se combinavam com frequência”³⁵, devido os médicos não saberem ao certo a origem e o modo de transmissão de algumas doenças.

Em Oeiras partindo das nossas fontes de análise, ora percebemos uma constante busca pela modificação dos costumes e da estrutura social para beneficiar os mais abastados, ora visualizamos a permanência dos hábitos socioculturais que faziam parte da tradição da maioria da população, o que acabava prejudicando o projeto idealizado pela medicina científica, estando em descontinuidade com a realidade vivenciada.

O então presidente de província Souza Martins³⁶, que inaugurou os relatórios de província da Assembleia Legislativa de cunho oficial e impreso no dia quatro de maio de mil oitocentos e trinta e cinco, descreveu Oeiras como uma cidade marcada por um ambiente sujo, mal organizado e atrasado, sendo dadas as seguintes justificativas:

A saúde pública não tem podido obter ainda aqui os benefícios, que ella exige em seu favor: seja por falta de posturas estabelecidas a aniquilar ou diminuir os funestos germens, que vão de encontro a nossa conservação, ou seja mesmo pelas atrasadas circunstancias em que nos achamos tanto em finanças como em posição local³⁷.

O presidente apontou três aspectos sobre as condições da capital de Oeiras: em primeiro lugar descreveu sobre a falta de códigos de postura que serviriam para regulamentar as ações dos indivíduos e assim diminuir os germes que causam doenças³⁸. Esta afirmativa nos faz perceber que em Oeiras a preocupação com a saúde

³⁴ ARAÚJO, Romão Moura de. **A medicina social no Piauí da Primeira República...** Op. cit., p. 18.

³⁵ CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril...** Op.cit., p. 65

³⁶ “Ainda jovem, fica órfão de pai e passa a tomar conta de uma família de numerosos irmãos. Sua precoce experiência como vaqueiro e hábil comerciante de gado nas feiras da Bahia vai lhe forçar a capacidade de homem irrequeto e ambicioso. Não lhe basta a riqueza de numerosas fazendas. Resolverse seguir a carreira militar, galgando todos os postos até se formar como Brigadeiro. Recebe diversas horarias e comendas e ocupa posição política de destaque”. OLIVEIRA, Maria Amélia Freitas Mendes de. **A balaiada no Piauí**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985. p.50

³⁷ **Relatório do presidente de província do Piauí**. Presidente Souza Martins. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia da Silveira. 4 de maio de 1835. p. 6

³⁸ Idem.

já começava a surgir naquele momento e que o presidente da província tinha conhecimento sobre os debates que norteavam outras regiões com relação à saúde pública e as medidas a serem tomadas para evitar que novas doenças surgissem e se proliferassem.

Em segundo lugar, explicita que há pouca quantidade de recursos financeiros para ser investido em melhorias na sociedade³⁹. Procura ainda chamar atenção do governo Imperial para as condições da Capital, que se encontra insalubre e precisando de recursos para realizar as reformas do meio, buscando ganhar notoriedade como presidente a partir da busca de maiores investimentos. Analisando este segundo tópico acreditamos que o Barão de Parnaíba já demonstrava interesse em melhorar o meio e implantar as medidas que estavam sendo debatidas tanto na Corte como em várias regiões do Brasil, já tendo como base elementos de um projeto de medicina social para o Piauí.

Por último Souza Martins aponta a localização geográfica inadequada, o que pode ser tanto devido à preocupação com a salubridade do meio e das reformas urbanísticas que se iniciara em outras regiões para evitar a proliferação de doenças, quanto devido ao desejo de mudança da capital de Oeiras para Parnaíba, terra natal de Souza Martins e onde se encontrava boa parte da elite piauiense como os Burlamaqui, Castelo Branco, Vieira de Carvalho e Araújo Costa⁴⁰ e que ocupavam cargos, de engenheiros, professores, padres dentre outros. O que é perceptível é que o presidente Souza Martins estava mediado por questões econômicas e por interesses de sua classe, tais como desenvolver uma região no caso, Parnaíba, e também melhorar a saúde pública do Piauí.

Em 1835, por exemplo, na igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória ainda podiam ser enterrados os defuntos naquele templo devido à ausência de cemitérios⁴¹ e também por questões culturais. Desde o século XVIII os rituais fúnebres e os enterros dentro das igrejas eram práticas comuns, pois a crença católica pregava que os vivos

³⁹ Idem.

⁴⁰ Esse desejo de transferência de Oeiras para Parnaíba se iniciou ainda no século XVIII como o governador D. João de Amorim que no dia 19 de agosto de 1798, “apresentava à Metrópole considerações sobre a mudança da sede do governo de Oeiras para Vila de Parnaíba”, dentre as justificativas dadas estava a de que Oeiras encontra-se isolada, com difícil acesso para a comercialização com regiões como Bahia e Maranhão. CHAVES, Monsenhor. Teresina: Subsídios para História do Piauí. **Obra Completa**. Op. cit., p.23

⁴¹ **Relatório do presidente de província do Piauí**. Presidente Sousa Ramos. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia Provincial. 4 de maio de 1835. p. 6.

deveriam se preparar para uma boa morte e seguir os rituais necessários para aproximar o morto de Deus, sendo o sepultamento nas igrejas elemento essencial no cumprimento dos preceitos cristãos. O enterramento nos templos religiosos continuou a ser praticado até boa parte do século XIX em Oeiras, na Matriz de Nossa Senhora da Vitoria o pároco João de Sousa Martins⁴² era o responsável por propagar o discurso da necessidade dos indivíduos seguirem os rituais do “bem morrer”⁴³. “Os devotos católicos não queriam ser pegos de surpresa, se preparavam para receber a morte, temiam uma “má morte” uma morte em que não estariam garantidos os ritos de passagem”⁴⁴, de uma fase da vida para outra e que poderia ser marcada pelo ganho do reino do céu, caso tivesse realizado boas ações, ou o purgatório e inferno, caso o moribundo não tivesse nos momentos finais da sua vida, realizado doações e sido acolhidos pela sociedade e familiares com os preparativos para uma boa morte.

Os rituais para festejar a morte não possuíam estrutura fixa, ou seja, nem todos eram enterrados nas igrejas, sendo considerado um privilégio para um pequeno grupo de pessoas, portanto os rituais estavam ligados a aspectos econômicos, religiosos e a condição de liberdade ou não. Os escravos, por exemplo, eram encarregados de realizar a “inhumacam⁴⁵ nas igrejas (...) feitos ao seu modo”⁴⁶, mas quase sempre estes sepultamentos realizados por escravos eram de pessoas que tinham prestígio diante da sociedade e seguiam a religião católica. Os escravos e as pessoas pobres eram sepultados na beira da estrada ou em capelas das fazendas, muitas vezes sem a presença do pároco, enrolados em quatro metros de pano que servia como mortalha para o falecido⁴⁷.

A Igreja era, portanto, o encontro entre vivos e mortos, pois além de enterrar corpos, receber pessoas para as missas, orações, confissão, era espaço para realização do trabalho braçal. Segundo a crença da época, “essa aproximação entre vivos e mortos

⁴² **Relatório do presidente de província do Piauí**. Presidente Sousa Ramos. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia Provincial. 21 de junho de 1847. Quadro N^a 2.

⁴³ OLIVEIRA, Elene da Costa; OLIVEIRA, Elane da Costa. **A arte do bem morrer no Piauí oitocentista**. In: II Simpósio do Maranhão Oitocentista, São Luís- Maranhão, 07 de junho de 2011. p.49-59. Disponível em: <<http://www.outrostempos.uema.br/anais/pdf/oliveira2.pdf>>acesso: em 05 de agosto 2016.

⁴⁴ OLIVEIRA, Elene da Costa; OLIVEIRA, Elane da Costa. **A arte do bem morrer no Piauí oitocentista**. Op. cit., p.51

⁴⁵ Significa inumar, enterrar ou sepultar.

⁴⁶ **Relatório do presidente de província do Piauí**. Presidente Souza Martins. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia da Silveira. 4 de maio de 1835. p. 6

⁴⁷ LIMA, Solimar Oliveira. **Braço Forte**: trabalho escravo nas fazendas da nação no Piauí (1822 -1871). Editora da UFPI. Teresina, 2005.

seria uma das principais causas de doenças físicas aos vivos, pois os cadáveres exalavam odores”⁴⁸, tais odores eram considerados pelo corpo médico como nocivo a saúde dos vivos. A morte deixava de ser uma festa e passava a sofrer influência dos preceitos médicos em voga.

No Maranhão, especificamente em São Luís, no ano de 1830 iniciaram as discussões para a transferência dos enterros nas igrejas para o cemitério⁴⁹, sendo estas medidas tomadas devido à intensificação das questões sanitárias que estavam em voga em várias regiões do Brasil, inclusive no Maranhão que é próximo a província do Piauí, o que faz com que imaginemos que o contato através da comercialização com outras províncias ou com a possibilidade da vinda de uma maior quantidade de médicos, tenha sido um dos motivos para que o presidente Souza Martins utilizasse o discurso de urbanização e higienização como uma medida urgente para a mudança da Capital, pois deixava transparecer na descrição dos relatórios de província que sabia das necessidades de mudanças na organização do espaço, do fim dos sepultamentos dentro das igrejas e da transferência para os cemitérios, com a finalidade de evitar doenças, pois com a mudança os mortos poderiam ser enterrados em ambientes públicos e onde ocorria a grande circulação de pessoas, no qual estes odores pútridos “*infectam o ar, que nos cerca e causa enfermidades, que nos destroem*”.⁵⁰

A cidade de Oeiras encontrava-se sem calçamento e, tendo como paisagem o lixo jogado pelos próprios moradores nas ruas e rios. Sem acesso a pontes os moradores da capital eram obrigados a transitar entrando em contato com a água do Riacho⁵¹, além disso, nos períodos invernosos a água alagava as ruas. Todas estas características do meio tornavam o ambiente propício para a proliferação de doenças de caráter endêmicas. A água dos rios servia tanto para abastecer as casas da vizinhança como para lavagem das roupas nas margens, a mesma água era utilizada para beber e cozinhar o que podia facilitar a transmissão de doenças.

No relatório de província do ano de mil oitocentos e quarenta e quatro, o presidente José Idelfonso de Sousa Ramos⁵² informa que a principal doença de rio é a

⁴⁸ COE, Agostinho Júnior Holanda. **A morte e os mortos na sociedade ludovicense (1820-1855)**. Monografia (Graduação em História) Universidade do Estado do Maranhão- São Luís, 2005. p.26

⁴⁹ Idem

⁵⁰ **Relatório do presidente de província do Piauí**. Presidente Souza Martins. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia da Silveira. 4 de maio de 1835. p. 6

⁵¹ **Relatório do presidente de província do Piauí**. Op.cit. p. 6 - 7

⁵² Nasceu em Minas Gerais, mais logo cedo migrou para o Rio de Janeiro assumindo cargo Juiz de Paz e aliado ao partido conservador, sendo convocado em 01/09/1843 para assumir o cargo de presidente da

febre intermitente também conhecida como “sessão”, que aparecia no fim dos períodos invernosos ocasionados pela poluição das águas dos rios, atingindo boa parte do povo do Piauí uma vez que esta região era banhada por rios como Parnaíba, Poty, Canindé e Gurguéia⁵³.

As próprias casas das pessoas mais pobres e escravos eram coletivas e feitas de palha, com pouca ou nenhuma repartição dos cômodos e sem janelas para a circulação do ar, a chão batido e que em períodos de chuva viravam um local lamacento. As peças de roupa eram poucas podendo ser utilizadas por outros membros da família e não existia a preocupação por parte da população de uma maneira geral, com a higiene corporal e dos espaços.

No hospital de Oeiras também conhecido como hospital da Caridade ou hospital do fisco a insalubridade reinava, sendo esta instituição “imunda e apertada”⁵⁴ e criada no intuito de atender os “enjeitados”, famintos, enfermos e crianças abandonadas caracterizando-se, desta forma, como um local de acolhimento das “desordens” sociais⁵⁵ sendo um dos únicos meios que a população poderia recorrer para restabelecer a saúde.

Encontram-se basicamente nesse Hospital a classe pobre que por falta de recurso financeiro procurava o estabelecimento para lhe acolher, sendo considerados pelos governadores como “classes perigosas”⁵⁶, e que necessitavam de acompanhamentos especiais, pois estes não tinham renda suficiente para se tratar e precisavam de auxílio no momento da enfermidade.⁵⁷

O Hospital de Caridade, além de atuar como lugar para a prática de uma medicina assistencialista, se tornou um ambiente de infecção. Devido ao aglomerado de pessoas com problemas diversos era uma das principais fontes transmissoras de doenças

Província do Piauí, sucedendo Sousa Martins. NUNES, Odilon. **Pesquisa para História do Piauí: Luta partidária e situação da província**. Teresina: FUNDAPI; Fundação Monsenhor Chaves, 2007.344p. v. IV, p.16.

⁵³ **Relatório do presidente de província do Piauhy**. Presidente Sousa Ramos. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia Provincial. 7 de julho de 1844. p. 34

⁵⁴ **Relatório do presidente de província do Piauhy**. Presidente Souza Martins. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia da Silveira. 4 de maio de 1835. p. 6

⁵⁵ SILVA, Rafaela Martins. **As Faces da Misericórdia: a Santa Casa de Teresina na assistência pública (1889-1930)**. Teresina, 2016. p.13

⁵⁶ CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**. Op. cit., p.20

⁵⁷ Idem, p.22

principalmente respiratórias, pois “A fetidez da multidão constitui um perigo terrível pelo simples fato do amontoamento e da confusão de seres”.⁵⁸

O Hospital da Caridade recebia tanto doações da elite local que acreditavam que fazendo doações estariam salvos do inferno, quanto do Estado para que os policiais da província, escravos na nação e os presos quando acometidos por alguma doença ou feridos fossem tratados nessa entidade. Conforme explica Zacarias de Góes e Vasconcelos, em 1846, a caridade é constituída por:

duas casas térreas, de péssima construção, muito baixa e sem cômodos, alugadas pelo Tesouro geral e outra pelo Provincial, formam o único hospital que existe nessa cidade (Oeiras), no qual são tratados os pobres, os presos, os escravos da Nação, os soldados de polícia e os de Linha. Aí se amontoam todos esses enfermos não sendo possível distinguir como ora mister o pobre do condenado, o soldado do paisano. A vista disto bem se pode afirmar que propriamente não existe nesta cidade hospital ou enfermaria militar, nem em rigor de qualidade alguma. O tratamento dos enfermos corresponde ao edifício, e confusão em que se acham, de maneira que entrar em tal estabelecimento mais é afastar-se da saúde que aproximar-se dela.⁵⁹

O presidente Góes e Vasconcelos⁶⁰ declara ainda no mesmo ano, a quantidade de pessoas doentes que entraram, morreram, saíram e ficaram existindo no hospital da caridade em Oeiras. Vejamos o quadro a seguir:

TABELA 1. Demonstrativo do número de enfermos tratados no Hospital Público de Oeiras, então capital do Piauí, nos anos de 1845 -1846.

Classificação	Doentes						
	Existiram	Entraram	TOTAL	Morreram	Saíram	Ficaram existindo	TOTAL
Polícia provincial	03	21	24	0	19	05	24
Presos	0	08	08	01	05	02	08
Pobres	04	28	32	10	15	07	32
Escravos das fazendas nacionais	22	58	80	03	42	15	80

⁵⁸ CORBIN, Alain. **Saberes e odores**: o olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove. São Paulo: Campanha de letras. 1987. p.185

⁵⁹ APEP. **Correspondência com o ministério dos Negócios da Guerra**. 1844/1849. Código 050.

⁶⁰ Doutor em Direito pela Faculdade de Olinda, foi presidente da província do Piauí de 1845 a 1847. Para uma biografia detalhada ver: GONÇALVES, Wilson Carvalho. **Dicionário enciclopédico Piauiense Ilustrado**. Teresina: 2003. p. 414-415.

Soma	29	115	144	14	81	29	144
------	----	-----	-----	----	----	----	-----

Fonte: Relatório do presidente de província do Piauí. Presidente Góes e Vasconcelos apresentado a Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras-Piauí: Typographia Provincial. 1 de julho de 1846. Quadro número 9. Realizado pelo médico do partido público Simplício de Sousa Mendes.

Ao analisarmos o quadro iremos perceber que o maior número de pessoas que deram entrada com algum tipo de doença são os escravos nacionais⁶¹ totalizando a quantidade de oitenta (80) pessoas, estes eram bastante acometidos por doenças e precisavam de tratamento devido às péssimas condições de trabalho, alimentação, carga horária de trabalho excessiva, maltrato físicos e também por adquirir doenças endêmicas pelo contato direto ou indiretamente devido à falta de condições mínimas de higiene. Na tese de Sonia Maria de Magalhães (2004) a autora aponta que uma das principais doenças que acometiam no Rio de Janeiro os escravos e percebida por médicos e naturalistas era a opilação, caracterizada com os seguintes sintomas: debilidade física (cansaço), justificado pelo trabalho exaustivo e geofagia (habito de comer terra).⁶²

Uma outra doença apontada por Magalhães era a anemia intestinal, doença vinculada a pobreza, sendo as principais vítimas aquelas pessoas que estivessem em condições de miséria, submetidas a “humidade das casas oriundas das casas mal levantadas em terrenos ‘alagadiços’ e habituados a fazer uso exclusivo de uma alimentação feculenta”⁶³

Os pobres ficaram em segundo lugar dentro da estatística de quem mais necessitava do hospital, sendo atendidos trinta e dois (32) indivíduos, vindo a óbito dez (10), podendo ser considerado o índice de mortalidade relativamente baixo, se levarmos em consideração que havia apenas duas casas para comportar um total de cento e quarenta e quatro (144) pessoas. Além disso, iremos perceber que nos anos posteriores no hospital da capital de Teresina implantado em 1852, conhecido como Santa Casa de Misericórdia, o número de pessoas acometidas por doenças só aumentou, devido ao aglomerado populacional na urbes, insalubridade do meio e amontoamento de doentes dentro do hospital.

⁶¹ São escravos que trabalham nas fazendas do Estado.

⁶² MAGALHÃES, Sônia Maria de. **Alimentação, saúde e doenças em Goiás no século XIX. 2004.** 254 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2004. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103103/magalhaes_sm_dr_fran.pdf?sequence=1&isAllowed=y> acesso 15/11/2017.

⁶³ Idem, p. 31

Em terceiro lugar, temos a polícia provincial com vinte e quatro (24) atingidos, podendo justificar esse grande número de enfermos devido a muitos destes serem responsáveis em ficar na guarnição da passagem do Rio Parnaíba, para impedir que pessoas vindas do Maranhão atravessassem sem que primeiro ficasse em quarentena⁶⁴ a fim de evitar a epidemia de bexiga que se alastrava nesta região⁶⁵. Além do contato direto dos policiais com os que chegavam a guarnição implantada na margem do Parnaíba, muitas pessoas percorriam outros caminhos “procurando os lugares mais estreitos do Rio, em jangadas de pau, que faziam e passavam para o lado de cá⁶⁶”, estabelecendo contato com a população que vivia em Oeiras e nas demais vilas.

Em quarto e último lugar, um total de oito (8) presos foram acometidos por doenças no ano de 1845-1846, após provavelmente ser penalizado a cuidar dos que já se encontravam com alguma doença, possivelmente adquirindo-a através do contato. Estes eram os dados apenas dos que davam entrada no Hospital da Caridade, mas na Capital podia haver maior número de doentes uma vez que a elite não se tratava nessa instituição e muitos não se auto declaravam doentes para não serem isolados, como saíam para municípios vizinhos, entrando em contato com outras pessoas as contaminavam.

As principais doenças que assolavam Oeiras eram dores pleuríticas⁶⁷, disenteria, sífilis⁶⁸, dores lombares, gastrite⁶⁹, escarro de sangue (tuberculose), erisipela⁷⁰, feridas na garganta, febres gástricas, oftalmia aguda⁷¹, hérnia escrotal, sessões e vermes.⁷²

⁶⁴ Conjunto de medidas e restrições que consiste no isolamento de indivíduos e mercadorias provenientes das regiões onde atinge ou corre o risco de atingir a população com epidemias de doenças infectocontagiosas.

⁶⁵ **Relatório do presidente de província do Piauí.** Presidente Sousa Ramos. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia Provincial. 7 de julho de 1844. p. 8.

⁶⁶ **Relatório do presidente de província do Piauí.** Presidente Sousa Ramos. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia Provincial. 7 de julho de 1844. p. 8.

⁶⁷ “Dores torácica é queixa comum em pacientes com doenças respiratórias. Ocorre devido inflamação ou tração continua, notavelmente a pleura pariental, os grandes brônquios, a traqueia e os mediastinos”. SANTOS, José Wellington Alves. Causas pulmonares de dor torácica. In: **Simpósio sobre diagnóstico de dor torácica.** Revista AMRIGS, Porto Alegre, 46 (1,2): 25-27, jan.-jun. 2002. p.25. Disponível: <<http://www.amrigs.com.br/revista/colecoes/Causas%20pulmonares%20de%20dor%20tor%C3%A1lica.pdf>> acesso 13/06/2016

⁶⁸ A sífilis é transmitida pelo ato sexual, na época ainda não havia nem um método contra séptico para evitar que esta doença fosse transmitida, além disto, os abusos sexuais e os períodos carnavalescos poderia favorecer o aumento do número de pessoas atingidas. Sem escolher o tipo de pessoas atingia tanto senhores de classe alta, quanto escravos e pobres livres.

⁶⁹ Inflamação da mucosa que reveste os estomaga.

⁷⁰ Feridas avermelhadas, amareladas e doloridas na pele.

⁷¹ Dores no globo ocular.

Francisco Perretti afirma no relatório de província de 1849 que nos fins das estações invernosas as doenças que mais apareciam em quase todos os pontos das províncias eram defluxões, bronquites, catarros pulmonares e pleurites e que estas doenças ceifaram muitas vidas⁷³.

Outra preocupação era com relação à Varíola que ameaçava alguns municípios do Piauí, como é o caso de Valença citado no início do trabalho, Oeiras, Jaicós, Campo Maior e Príncipe Imperial que teve parte da sua população atingida cerca de 800 a 1.000 pessoas no total por um espécie de bexiga, denominada pelo Dr. Simplício de Souza Mendes de “bexiga branca ou catarros confluentes”, cujo principal sintoma era o aparecimento de erupções cutâneas, “e que não consta terem causado a morte de pessoa alguma”⁷⁴ por ser “mui benigna”, no mesmo relatório o médico acrescenta ainda que não se pode negar que esta doença é muito contagiosa.

O tratamento no Hospital da Caridade dependia das “boticas”, devido à pouca quantidade de médicos e da alimentação⁷⁵. Os principais alimentos curativos utilizados na dieta eram a carne seca (vitela)⁷⁶ e farinha⁷⁷, porém pela falta de carne de gado de boa qualidade este alimento foi substituído pela galinha que possuía um custo financeiro muito mais alto e que já tinha sido proibida pelo Marques de Pombal desde 1775 de ser utilizado para o tratamento de qualquer doença em qualquer lugar da Colônia.

Vejam os a seguir o comunicado feito pelo médico do hospital, Alfredo Hipólito Bittencourt, em 1845, ao presidente de província Góes e Vasconcellos, com relação a substituição da carne seca:

⁷² LIMA, Solimar Oliveira. Formas de controle e resistência dos trabalhadores escravos. In: **BRAÇO FORTE: trabalho escravo nas fazendas da nação no Piauí (1822-1871)**. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí, 2005.

⁷³ NUPEM. **Relatório do presidente de província do Piauí**. Presidente Francisco Perretti. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia Saquarema. 5 de julho de 1849. p. 24.

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ LIMA, Solimar Oliveira. Formas de controle e resistência dos trabalhadores escravos. In: **BRAÇO FORTE: trabalho escravo nas fazendas da nação no Piauí (1822-1871)**. Op. cit., p. 130.

⁷⁶ Vitela é o termo utilizado para carne de bezerro que tem de três a seis meses de vida, e que foi muito utilizado desde o período colonial para o tratamento de várias doenças por ser um dos alimentos mais encontrados nessa região. No Ceará, no ano de 1791 foi prescrito pelos médicos para o tratamento da epidemia de febre de mau caráter talho de carne seca, uma vez que acreditavam que as causas das mortes eram devido a desnutrição, por ter alimentação com deficiência de proteínas de origem animal, vitamina, cálcio e sais minerais. MAGALHÃES, Sônia Maria de. **Alimentação, Saúde e doença em Goiás no século XIX**. Op. cit., p 29

⁷⁷ A farinha de mandioca foi um alimento introduzido pela tradição indígena e adotada pela colonização como gênero alimentício básico, se perdurando até os dias atuais. Por causa da falta e escassez de alimentos, pela mandioca ter qualidade nutricional e ser fácil de desenvolver-se em qualquer terreno, acabou sendo implantado na dieta dos hospitais que atendia aos menos favorecidos. Ver tese: MAGALHÃES, Sônia Maria de. **Alimentação, Saúde e doença em Goiás no século XIX**. Op. cit., p.25.

Tendo reconhecido a falta que há nesta cidade de carne-seca para o tratamento de alguns doentes do hospital e por não haver, fosse a compra de galinha para suprir esta falta não só é menos proveitoso ao tratamento como até acresce em dispêndio, porque tornando uma libra de carne-seca uma ração diária custando esta 80 réis, e uma galinha outra ração diária custando 400 réis, vê-se claramente o excesso extraordinário em desproveito da fazenda Pública (...). Tomo deliberação de respeitosamente lembrar a Vossa Excelência que é ordenar que das fazendas nacionais venham de 15 em 15 dias uma matulagem seca ou contratar com algum fazendeiro para que ele assim a faça (...)Previno a Vossa Excelência de que no açougue desta cidade não há carne que se possa comprar para o tratamento dos doentes pela sua costumada magreza e infesamento.⁷⁸

Acreditavam-se que a galinha não surtia muito efeito no tratamento, assim como em 1775 em que o Marquês de Pombal juntamente com os médicos de Coimbra decidiu fazer o documento proibindo que as províncias da Colônia não utilizassem tal alimento, sendo acatado pelo governador da Capitania Joaquim de Mello, vejamos:

Ex.mo Senhor// Logo que receby a ordem de V. Ex.^a de 9 de agosto de 1775 que me chegou à mão a 23 de dezembro proximo passado, ordeney que no Hospital melitar desta cidade se abolisse [fl. 101] inteiramente o uso da galinha, e se observasse o que se assentou na conferência que se fes de medicos e cirurgiões nos Hospitales Real e Militar dessa Corte⁷⁹.

A utilização da galinha para o tratamento dos indivíduos no hospital da Caridade foi uma medida repensada e modificada. Devido à seca, a carne-seca se tornou um produto escasso e inviável, sendo esta alternativa tomada no intuito de solucionar o problema.

Devido às péssimas condições do Hospital da Caridade, pouco espaço e falta de iluminação, foi proposto pelo Conselho Geral da província em 1834 a construção de um novo edifício, concluído no ano de 1849. Durante a construção dessa Obra Pública foi denunciado o desvio e desperdício de dinheiro público e particular e a má construção do hospital no dia 05 de novembro de 1846 no jornal *O Liberal Piauihyense*⁸⁰, tratada da seguinte forma:

⁷⁸ **PROJETO RESGATE BARÃO DO RIO BRANCO.** Arquivo Histórico Ultramarino. AHU_ACL_CU_016, Cx.13, D.741. 20 de dezembro de 1776. Acesso: <http://resgate.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=016_PI&pesq=Hospital%20militar>.

⁷⁹ SOARES. **Livro de registro das Ordens de sua Majestade e suas respostas.** Lisboa, 1824. p.138

⁸⁰ *O liberal Piauihyense* foi um jornal criado pelos Castelo Branco e redigido por Lívio Lopes de Castelo Branco⁸⁰. Esse periódico apresentava um discurso claramente elitista e contrario ao governo vigente, servindo como propagador de discursos que contavam a realidade da época e também demonstrava as “picuinhas” familiares e politicas existentes nesse período LEAL, Ana Regina Barros Rego. **História da mídia Impressa – atuação politica no século XIX.** Op . cit., p. 16

A má construção do Hospital; os desperdícios dos dinheiros públicos e particulares para essa obra aplicadas; as transações, as condescendências vergonhas por ali feitas, todo acanhou a Assembleia, e esmoresse aos particulares, alias interessa lissimos que esta obra se concluísse pela necessidade que d'ella tem a Provincia: Esta obra que bem administrada, ficaria a Provincia em pont maio em menos talvez de 6:000\$000 rs. atendendo-se quanto hé barato em Oeiras o material; pelas contas, e pedidos de S. Exc. e Cronenberger, são poucos 12:000 \$ reis !!! Nem as obras Baronistas de Pernanbuco!!! São más calcolistas para essa materiais os Presidente loxoriosos, e aristocatas!! Note se que S. Exc sobre ser tatimo amigo do Croneaberger, é o director indirecto das obras publicas, e não há dia que não vá la dar as suas disposições architectas, e financeiras, e no entanto faz nojo ver a repartição, e commados desse estabelecimento, a toda a pessoa que d'elles tem alguma ideia, e conhecimento positivo.⁸¹

O referido Hospital foi concluído no ano de 1849, sendo ocupado em 13 de maio do mesmo ano, dispondo de uma nova estrutura capaz de comportar um maior número de pessoas, composto por:

capella, os quartos do capelão, e do enfermeiro, uma parede para separação dos doentes de ambos os sexos, construíram-se três vastas sallas, prolongou-se a varanda, aproximou-se a cozinha, fazendo-lhe chaminé, que inda não tinha, levantaram-se ate a altura, em que devião ficar, os muros do quintal, que foi devidamente nivelado, e finalmente preparou-se toda a mobília das enfermarias, e a precisa roupa para os leitos⁸².

A instalação do novo hospital nos faz perceber que devido à ampliação do espaço o número de atendidos aumentou. O número de doentes na capital de Oeiras pode ter sido bem maior no ano de 1846, mas devido as péssimas condições, amontoado de gente e pouco espaço, muitas pessoas possivelmente procuravam outras alternativas, como o curandeirismo e benzedeadas. Existiram ao todo vinte e nove (29) doentes e quarenta e oito (48), entraram cento e quinze (115) e seiscentos e setenta e quatro (674), tiveram alta oitenta e um (81) e seiscentos e vinte e três (623), faleceram quatorze (14) e quarenta e quatro (44), ficaram vinte e nove (29) e cinquenta e cinco (55), nos anos de 1846 e 1849 respectivamente. No ano de 1846 para 1849 os casos de entrada, saída e morte duplicaram ou triplicaram.

Era perceptível que houvesse um interesse da elite administrativa de implantar medidas sanitaristas, higienistas e urbanistas para o melhoramento da saúde pública,

⁸¹ **O LIBERAL PIAUHYENSE**. Teresina. Ano I, n. 13, 5 nov. 1846.

⁸²NUPEM. **Relatório do presidente de província do Piahy**. Presidente Francisco Perretti. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia Saquarema. 5 de julho de 1849. p. 26.

mas devido a uma série de fatores como as questões culturais, econômicas e insuficiência de médicos, a salubridade do corpo, do meio e a realidade vivenciada pelo povo de Oeiras estava em descontinuidade com o Projeto de *Medicina Social* analisado por Michel Foucault (1979) e Roberto Machado (1978). Porém estas medidas foram maneiras encontradas pela elite local dar respostas a uma série de doenças que atingia todos os anos a população, causando mortes de caráter endêmicas e também às doenças que ameaçavam adentrar a província e que já atingiam outras regiões de forma epidêmica, como é o caso da varíola que abordaremos no tópico a seguir.

2.2- Medo na cidade: varíola

Toda a preocupação com o meio se fortalece devido às questões sanitárias que começaram a se intensificar no início do século XIX, porém desde o século XV na França as mudanças de costumes vinham ocorrendo de forma lenta e gradativa, sendo estas associadas à distinção de classe burguesa e aristocrática da tida como classe baixa e/ou “classe perigosa”⁸³. A mudança dos costumes era justificada pela observância dos preceitos cristãos, estando anjos, santos em constante vigilância contra “os maus costumes”, pois esta crença religiosa e tradição cultural condicionava as pessoas de elite a agirem de uma determinada forma, nada relacionado com a preocupação com a saúde e com a salubridade pública⁸⁴.

Desenvolvia-se, gradativamente, na mentalidade das pessoas a sensação de medo e vergonha. Medo por que na percepção da época os indivíduos que praticassem os maus costumes cristãos poderiam se aproximar das doenças como forma de castigo divino, e vergonha porque determinadas doenças representava a falta de cuidados básicos com a saúde corporal e a higiene urbana, o que levava os indivíduos a buscar o controle crescente dos seus impulsos e emoções para tornarem-se civilizados perante a sociedade⁸⁵.

⁸³ Termo utilizado na obra de Sidney Chalhoub, tal expressão é utilizada para designar grupos que estão a margem da sociedade civil. A expressão utilizada neste trabalho é amplo e abrangem desde pessoas pobres, escravos (as), presos (as) até mesmo os policiais, que inclusive teriam sido afetados por doenças que eram temidas pela sociedade.

⁸⁴ ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes**. Tradução: Ruy Jungmann; revista e apresentação: Renata Jaine Ribeiro. – 2 ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

⁸⁵ Ibidem

A partir do século XIX no Brasil, além das crenças religiosas que principiaram o incentivo ao cuidado com o corpo e com o meio, houve a adesão das explicações médico-científicas devido ao surgimento de doenças epidêmicas como a varíola e a febre amarela que atacaram vários territórios, causando medo e morte. Diante do caos os médicos se preocuparam em criar medidas para prevenir e diminuir a proliferação de tais doenças, pois “Os intelectuais-médicos (...): (**analisam**) a “realidade”, (**fazem**) seu diagnóstico, (**prescrevem**) a cura, e *estão* sempre inabalavelmente convencidos de que só a sua receita *pode* salvar o paciente”⁸⁶.

Partindo desta preocupação os médicos passaram a construir uma imagem nos grandes centros urbanos de “heróis civilizadores”⁸⁷, articulados com o Estado para ditar ordens de higiene, urbanização e civilidade. Esta preocupação com a saúde trouxe avanços e transformações tanto no meio social quanto nas mentalidades, pois o medo de surtos epidêmicos ajudou a associar um ideal de civilidade que estava ligado à prática de costumes higiênicos necessários e que deveriam ser realizados por toda a população, e não apenas por um grupo específico. Assim, para a população o mau costume “além de grosseiro e atroz, *passa a ser* muito ruim para a saúde”⁸⁸.

As administrações provinciais de Oeiras e posteriormente de Teresina assumiram o dever de instalar medidas para prevenir ou amenizar a transmissão de doenças, articulando o poder político com o saber médico, parceria que se encontrava ainda em desenvolvimento nessa província, sendo os surtos variolíticos uma das principais preocupações.

A varíola é considerada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) atualmente como uma das enfermidades mais devastadoras da História da humanidade, não tem cura, é contagiosa, letal e as formas de prevenção utilizadas antes da sua erradicação eram a vacina e o isolamento do indivíduo doente. Como cita Monteiro (2005) “a varíola é uma infecção viral variolae do grupo orthopoxvirus. A porta de entrada do vírus no organismo humano é o trato respiratório.”⁸⁹

⁸⁶ CHALHOUB, Sidney. **CIDADE FEBRIL: cortiços e epidemias na corte imperial**. Op. cit., p.29

⁸⁷ COE, Agostinho Júnior Holanda. **A morte e os mortos na sociedade ludovicense (1820-1855)**. Op. cit., p. 66

⁸⁸ ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. V. I. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.p.155

⁸⁹ MONTEIRO, Denise Brito. **A epidemia de varíola e a vacinação obrigatória: Repercussão na sociedade recifense no início o século XIX**. Op. cit., p.20

Esta doença podia se desenvolver de três formas: **hemorragia cutânea** que é rara e grave e podia levar a morte em até quatro dias após o indivíduo ser atingido pela doença; **major** que é a forma clássica da doença, tendo como principais sintomas a febre alta, calafrios, dor intensa no estomago, vômito, suor, olhos lacrimejantes e dor intensa e **minor** também conhecida como alastrim ou bexiga benigna, causa poucas erupções e pouca letalidade.⁹⁰

Devido à preocupação e medo desta doença, uma medida foi tomada pelo poder legislativo em Oeiras e publicada no dia oito de agosto de mil oitocentos e trinta e cinco no jornal impresso *O Correio*:

O Sr. Silva mandou a meza a seguinte emenda > Nenhuma pessoa poderá conservar em sua caza enfermos de moléstias contagiosas, sem que logo participe ao Juiz de Paz, ou a qualquer outra Authoridade policial para os fazer sahir meia legoa para fora da Villa, com tanto que sejam supridos com pessoa, que os trate, e com dietas, e remédios conforme pedem as leis da humanidade: os que não fizerem tal participação vinte mil réis para 1.º vez, e na reincidencia o duplo: a qual emenda sendo apoiada, foi aprovada.

Oeiras, 8 de agosto de 1835
Antônio Pereira Pinto do Lago⁹¹

O trecho do jornal *O Correio* de 1835 é escrito pelo Padre Antônio Pereira Pinto do Lago, o mesmo comunica que não é permitido conservar enfermos com moléstias contagiosas dentro de casa e que os doentes devem ser entregues ao Juiz de Paz ou a qualquer outra autoridade para serem isolados, tratados com dietas e remédio adequado, caso isso não acontecesse o mesmo pagaria uma multa de vinte mil reis, sendo reincidente o dobro. O padre Antônio Pereira Pinto do Lago divulgava o modo como os indivíduos deviam agir diante das doenças e, nesse sentido, utilizando-se do jornal para divulgar as informações.

Além dos jornais, os locais de pregação cristã eram utilizados para propagar e difundir como as pessoas deviam agir diante da suspeita de alguma doença, sendo bastante comum a leitura oral e coletiva, tanto em espaços privados quanto públicos como tabernas, mercados e a própria igreja, pois mais de 80% da população não sabia

⁹⁰ OLIVEIRA, Elizer Cardoso de. *A epidemia de Varíola e o medo da vacina no Goiás*. Rio de Janeiro, 2012.

⁹¹ **O CORREIRO**. Oeiras. Ano [?], n. 12, 8 ago. 1835.

ler e escrever⁹². Além disto, como consta no relatório de província do Ceara, publicado no artigo de Darlan de Oliveira Reis Junior (2017) “A palavra autorizada de um padre penetra mais nesta última camada da sociedade, alcança-a melhor”⁹³.

Como já foi descrito acima, Oeiras foi acometido por varíola conhecida como bexiga benigna. As principais formas e métodos era realizar a expulsão do mal, tais como vômitos, fezes e sangria⁹⁴. Tais práticas passaram a ser vistas como incivilizadas e bárbaras pela medicina científica, “a medicina, entre mil diversas importantes descobertas, ignora existência; e com efeito, repugna o feitiço com todo o bem senso”⁹⁵, pois estes propunham a introjeção de vírus para criação de anticorpos no sujeito vacinado através da aplicação da vacina Antivarióllica ou Jenneriana⁹⁶.

No Rio de Janeiro, devido à crença de que expelir objetos para fora do corpo promoveria a cura fazia com que parte da população se recusasse a tomar a vacina, pois acreditavam que a implantação do vírus para promover a doença de forma mais branda não dava a total segurança de que o indivíduo vacinado iria ficar são e imune de adquirir a doença novamente. Além disso, poderiam acreditar que fosse uma medida implantada pelo Estado para dizimar as “classes perigosas”⁹⁷.

A vacina antivarióllica é o segundo método preventivo implantado desde 1835 em Oeiras. Na Corte Portuguesa, desde 1811, foi criada a Junta Vacínica para promover a prevenção da varíola de forma mais rigorosa na Corte, sendo expandida com maior frequência para as províncias em 1846 quando foi criado o Instituto Vacínico⁹⁸. A

⁹² ALMEIDA, Maria Antônia Pires de. As epidemias nas notícias em Portugal: Cólera, peste, tipo, gripe e Varíola 1854-1818. **A história, ciência e Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, V. 21, n.2, abril a junho 2014, p. 687-708.

⁹³ JUNIOR, Darlan de Oliveira Reis. **Cólera e fome no interior da província do Ceará**: as crises sociais no Cariri do século XIX. Ceara. 2017. p.69

⁹⁴ SOUSA, Laura de Melo e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colônia. São Paulo: Campanha de letra, 2009.

⁹⁵ **O ESCHOLASTICO**. Oeiras. Ano [?], n. 7, 15 set. 1849.

⁹⁶ Vacina Jenerriana é assim chamada em homenagem a Edward Jenner, médico inglês que ficou conhecido por descobrir em 1796 a vacina contra a varíola, através da observação de que ao entrar em contato com a chamada varíola bovina (cow-pox) que era uma forma menos grave da doença, o indivíduo não a contrairia mais. Através da inoculação do cow pox os indivíduos ganhavam imunidade era uma forma de reagir com eficácia à doença que era tão temida pela sociedade. Como cita (Oliveira apud Farrel, 2011, p. 540) “a inoculação com o cow-pox, em vez da varíola comum ficou conhecido como vacinação, da palavra *vaccinus*, que significa de uma *vacca*, (*vaca*)”.

⁹⁷ CHALHOUB, Sidney. **CIDADE FEBRIL**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Campanha de Letras. 1996

⁹⁸ OLIVEIRA, Elizer Cardoso de. **A epidemia de Varíola e o medo da vacina no Goiás**. Rio de Janeiro, 2012.

vacina, desde 1835 era obrigatória no Rio de Janeiro estabelecida no código de postura, mas sofria bastante resistência⁹⁹.

A princípio, a vacina foi trazida para Oeiras de regiões vizinhas, como Bahia, Maranhão e Pernambuco¹⁰⁰, dentro de laminas e em crusta, e aplicada pelo cirurgião-mor do Partido Público¹⁰¹. Um grande problema é que as longas distâncias percorridas, bem como a mudança climática alterava o pus vacínico e das oito vezes que a vacina chegou na província em “nenhuma vez tem pegado”, o que nos faz perceber que ao aplicar a vacina o abcesso que devia se formar no braço também conhecido como pústula não aparecia, fazendo com que a população não confiasse mais no método e perdesse cada vez mais a fé na eficácia da vacina.¹⁰²

Diante desse problema, outra medida que se estabeleceu na tentativa de solucionar o impacto, foi a proposta trazida por Souza Martins no ano de 1835: “Mandando eu algumas pessoas a serem vacinadas, das quais se distribuiria a todos os seus pontos”¹⁰³. Esta distribuição seria realizada a partir do método braço a braço, “das pústulas surgidas nas pessoas vacinadas era novamente retirado o produto que servia para novas inoculações”. O problema é que a inoculação do vírus perdia a eficácia com o tempo, pois atuava como transmissores de outras doenças, como explica Oliveira a seguir:

Essa pratica tinha como inconveniente o fato de seu efeito diminuir com o tempo. Além disso, a reinoculação constante da vacina em seres humanos causava a transmissão de diversas outras doenças como a sífilis e a tuberculose.¹⁰⁴

Com o passar dos anos, mesmo com alguns aspectos negativos que a vacina causava como a proliferação de outras doenças, ela passou a ser intensificada passando de 25 (vinte cinco) pessoas vacinadas em 1835 para cerca de 1.000 (mil) pessoas em 1841¹⁰⁵, podendo ser explicado pela intensificação através do medo que tomava conta

⁹⁹ CHAVES, Cleide de Lima. Epidemias e quarentenas no Brasil e no Rio da Prata. **Epidemias e quarentenas no Brasil e no Rio da Prata no século XIX**. Bahia. 2013. p. 3

¹⁰⁰ **Relatório do presidente de província do Piauí**. Presidente Souza Martins. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia Provincial. Julho de 1835.

¹⁰¹ **Relatório do presidente de província do Piauí**. Presidente Souza Martins. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia Provincial. Julho de 1835, p. 7.

¹⁰² CHALHOUB, Sidney. **CIDADE FEBRIL: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. Campanha de letras. São Paulo, 1996.

¹⁰³ **Relatório do presidente de província do Piauí**. Presidente Souza Martins. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia Provincial. Julho de 1835.

¹⁰⁴ OLIVEIRA, apud ALMEIDA. **A epidemia da varíola e o medo da vacina em Goiás**. Op. cit., p. 477.

¹⁰⁵ **Relatório do presidente de província do Piauí**. Presidente Souza Martins. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia Provincial. Julho de 1835

de toda a população uma vez que em Caxias a varíola se alastrava causando “grande estrago”, levando parte da população a óbito.

Caxias no Maranhão realizava a comercialização de produtos com o Piauí, mas devido ao medo de contágio da varíola o comércio com Oeiras e o movimento de navios no porto de Parnaíba quase parou. Como afirma Monsenhor Chaves:

Havia até mesmo quase desaparecido a incipiente navegação do rio Parnaíba que vinha promovendo a distribuição do sal e de produtos importados cujo valor da venda era permutado pelos produtos da terra.¹⁰⁶

O comércio e movimento de navios diminuiu para que o então presidente de província Visconde de Parnaíba (Souza Martins) realizasse as seguintes medidas:

[...] debaixo deste artigo julgo a proposito referir vos que constando-me por participações officiais grassas aquella Cidade a referida peste bexigas, causando grandes estragos, immediatamente fiz postar guarnições nas passagens do Rio Parnahiba , por onde se comunica esta com a Província do Maranhão, para impedir que pessoas algumas vindas d’ali atravessasse, sem que primeiro fizesse quarentena, a fim de evitar o contagio de tão pernicioso mal.¹⁰⁷

As principais justificativas dadas na historiografia para o surgimento desta doença em território brasileiro foram às trocas comerciais, a vinda de imigrantes com patologias e o aglomerado populacional. Segundo Cleide de Lima Chaves, a partir da metade do século XIX, as epidemias prejudicaram o comércio e o abastecimento de várias cidades, “que dependiam da importação de alimentos para suprir as necessidades da população local, que não os produzia em quantidade suficiente”¹⁰⁸. A comercialização era interrompida pelas quarentenas estabelecidas nos portos, e pelo medo do contágio, que acabava afastando os comerciantes dos locais afetados por doenças epidêmicas¹⁰⁹.

No entanto, no caso de Oeiras, apesar de ter uma série de fatores que propiciava a transmissão da doença, como a não adesão por parte da população como à vacina, outro elemento citado foi a criação de outra rota para além do Rio Parnaíba, mantendo

¹⁰⁶ CHAVES, Monsenhor. **Obra Completa**. Op. cit., p. 129

¹⁰⁷ **Relatório do presidente de província do Piauí**. Presidente Souza Martins. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia Provincial. 7 de Julho de 1843. p.8

¹⁰⁸ CHAVES, Cleidiane de Lima. **Epidemias e quarentenas no Brasil e no Rio da Prata no século XIX...** Op. cit., p.2.

¹⁰⁹ Idem.

contato entre pessoas da província contagiada pelo vírus, exemplo Maranhão, e dos policiais que ficavam nas guarnições, e que entrava em contato com os povos que vinha de fora.

Os fatores que retardaram a proliferação da varíola e a morte de boa parte da população foram a pouca densidade demográfica e a benignidade da varíola que atingia os povos de Oeiras e os municípios vizinhos. Além disso, em alguns relatórios de província os presidentes afirmaram que este flagelo não tinha atingido o povo de Oeiras “graças a providência divina”, associando a doença como castigo e fúria de Deus.

Em caso de morte era possível que fosse utilizada a cal para desinfetar o corpo, e também para decompor rapidamente ao enterrar um corpo doente evitando pôr em risco a saúde dos vivos¹¹⁰.

Neste capítulo procuramos dar visibilidade para como a sociedade se encontrava em termos de Saúde Pública em Oeiras no século XIX, além de demonstrar quais os interesses do poder político de se articularem com o saber médico, não somente para prevenir que a elite local fosse acometida por endemias e epidemias, mas também como forma de dar respostas as novas doenças que surgiam.

Somente tendo clareza sobre os elementos que constituíram a agenda pré-existente é que podemos compreender as medidas tomadas com maior intensidade a partir da metade do século XIX em Teresina, a fim de evitar doenças endêmicas e epidêmicas e que procuraremos abordar no próximo capítulo.

¹¹⁰ MONTEIRO, Denise Brito. **A EPIDEMIA DE VARÍOLA E A VACINAÇÃO OBRIGATÓRIA:** Repercussão na sociedade recifense no início do século XIX. Tese (Mestrado em História), Recife, 2015.

3. TRANSFERÊNCIA DA CAPITAL: PREOCUPAÇÕES COM O MEIO E COM O CORPO COMO FORMA DE PREVENIR DOENÇAS.

Se nos reportarmos para a nova capital do Piauí na metade do século XIX, perceberemos que os documentos retrataram o processo de transferência da capital de Oeiras para Teresina. Vila Nova do Poty ou Teresina foi assentada seis quilômetros ao sul da sede municipal da Vila Velha do Poty, também conhecida como Chapada do Corisco, entre o rio Poty e Parnaíba, com pequeno número de edifícios para administração pública, sendo muitos órgãos públicos postos em casas alugadas e em locais inadequados para o funcionamento. Sem nenhum apoio do Governo Central a população de vila do Poty juntamente com o Presidente da Província Sousa Martins encarregou-se de realizar o processo de transladação da capital. Além do problema de apoio financeiro para construção desse local considerado “mais adequado” em termos higiênicos, a nova capital passava por diversos outros problemas de salubridade do meio. As doenças endêmicas atacavam a população nos períodos invernosos, os surtos epidêmicos de varíola e febre amarela apareciam em determinadas épocas do ano, nas ruas da cidade poderiam ser encontrados esgotos expostos, lixo, habitações sem ventilação, não se diferenciando nesse sentido da antiga capital de Oeiras.

Neste último capítulo, procuraremos entender quais foram às ações sociais tomadas pelos políticos nos anos de 1852 a 1866 como forma de prevenir doenças, tendo em vista que a salubridade do corpo e do meio foram questões mais discutidas a partir da metade do século por presidentes de províncias e divulgadas em jornais, como forma de deixar a população a par do que acontecia dentro e fora de Teresina. De tal maneira, sistematizamos o capítulo em dois itens: No primeiro tópico abordaremos a transferência da Capital de Oeiras para Teresina, tendo como principal justificativa para a transferência a aproximação da capital com o comércio de outros locais.

No segundo tópico descrevemos sobre a implantação de medidas para tratar a varíola, quando esta doença atingiu a região em 1865 e elencar os possíveis motivos para a proliferação desta doença, atingindo principalmente a classe pobre.

3.1- Vila Nova do Poty, discurso civilizador e prevenção de doenças.

Ao chegar a Teresina, havia boas construções na Praça da Constituição (atual Deodoro) e Praça Saraiva, Rua da Glória, Rua Grande, Rua Bela, estes últimos logradouros já conhecidos por estes nomes. Viam-se também muitas cabanas pelas circunvizinhanças, especialmente na beira do rio e em rumo do Barroço. Em fins de 1854, já tinha Teresina uns oito mil habitantes. Era a maior sede municipal da Província.¹¹¹

Esse trecho retrata a realidade de dois cenários teresinenses diferentes. Faz-nos associar a realidade de Teresina nos anos de 1854 a existência de dois Brasis em final do século XIX retratado por Nicolau Sevcenko na obra “*História da vida privada*”¹¹². Primeiro uma Teresina com boas construções no centro da cidade onde se encontrava os principais bairros de elite como a Praça da Constituição, Praça Saraiva, Rua da Glória, Rua Grande e Rua Bela; segundo uma Teresina periférica composta por habitações inadequadas e com maior propensão a doenças endêmicas e epidêmicas. Teresina foi construída tendo como inspiração os grandes centros brasileiros, como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife,¹¹³ e procurava se nivelar aos padrões de progresso e civilidade, difundidos pelas metrópoles europeias¹¹⁴. O centro foi planejado, desde o processo de transferência da capital de Oeiras para Vila Nova do Poty.

Assim como todas as grandes cidades, como exemplo, Rio de Janeiro, as reformas urbanas e sociais em Teresina colocaram à margem da sociedade a camada mais pobre da população. Como é apontado no trecho citado acima do escritor Odilon Nunes (2007), os pobres moravam em cabanas, na beira do rio, ou também poderiam ser encontrados dentro do centro urbano, tornando o espaço teresinense feio¹¹⁵. Alguns adjetivos eram dados para estas moradias “labirinto de palhoças”, “arraial da pobreza”, e, ainda, “moradia dos mortos de fome”¹¹⁶. Assim, a casa dos pobres tornava-se para os sanitaristas, presidentes de províncias e médicos o contrário do que esta elite planejava

¹¹¹ NUNES, Odilon. **Pesquisas para a História do Piauí**. Op. cit., p. 124.

¹¹² SEVCENKO, Nicolau. **Historia da vida privada**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹¹³ ARAUJO, Maria Mafalda Balduino de. Na Trama urbana, personagens, experiências e imagens (Teresina 1877 -1910) In: EUGÊNIO, João Kennedy (org.). **História de vários feitos e circunstâncias**. Op.cit., p. 234.

¹¹⁴ *Ibidem*

¹¹⁵ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cidade e memória: o processo de modernização de Teresina nos anos de 1930 e 1940. In: EUGÊNIO, João Kennedy (org.). **História de vários feitos e circunstâncias**. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001. p. 144.

¹¹⁶ ARAUJO, Maria Mafalda Balduino de. Na Trama urbana, personagens, experiências e imagens (Teresina 1877 -1910) In: EUGÊNIO, João Kennedy (org.). **História de vários feitos e circunstâncias**. Op. cit., p.238.

para o espaço urbano, ou seja, de construir uma cidade ideal, bonita esteticamente, higiênica e moralista¹¹⁷. O local onde vivia a população pobre “era o alvo principal de doenças, causadas por má condição do meio urbano”.¹¹⁸

José Antônio Saraiva¹¹⁹, presidente de província desde 1850, se tornou responsável pelo processo de transferência. No ano de 1851 empreendeu visita ao povoado que ficava próximo ao rio Parnaíba, conhecido como vila Velha do Poty¹²⁰, com o intuito de transferir a capital de Oeiras. Ao chegar a Vila Velha do Poty uma légua do rio Parnaíba, José Antônio Saraiva afirma que era impossível a mudança da capital para esta região, devido está sujeita a febres intermitentes ocasionadas por este rio. Vejamos a seguir o trecho que Saraiva descreve o desejo de mudança e a construção do povoado que ficou conhecido como Vila Nova do Poty:

Chegando a Vila Velha do Poty fácil me foi compreender que sujeita a febres endêmicas daquele rio - não poderia aquela Vila florescer, e que seus habitantes desejavam com ansiedade edifica-la em qualquer outro lugar que pudesse convir a seus interesses. Aproveitei esse ensejo, convidei-os a edificar no mais belo e agradável lugar da margem do Parnaíba; principiei a edificação por meio de subscrições, uma matriz, e o resultado de tudo foi além de minhas esperanças, por que nunca acreditei que em menos de seis meses, estivessem em construção perto de trinta habitantes e, ainda mais, que os mesmos habitantes de Vila Velha, que tinham elegantes casas, se resolvesse a deixa-las para construir no novo local, hoje geralmente chamado de Vila Nova do Poty¹²¹.

A partir do fragmento acima podemos perceber que a preocupação do presidente não era apenas de transferir a capital para um local onde iria ser melhor desenvolvida economicamente e socialmente, mas também um lugar adequado com relação a salubridade do meio e saúde dos indivíduos, pois como afirma Maria Mafalda Balduino

¹¹⁷ Ibidem, p. 239

¹¹⁸ SILVA, Rafaela Martins. **AS FACES DA MISERICÓRDIA: a Santa Casa de Teresina na assistência pública (1889-1930)**. Op. cit., p.51.

¹¹⁹ Nasceu na Bahia em uma freguesia chamada de Santo Amaro município de Bom Jesus, no dia 1º de março de 1823. Formou-se em Direito na faculdade de São Paulo, antes de assumir o cargo de presidente de província do Piauí em 1850 ficando no cargo ate 1853, atuou como Juiz Municipal e Procurador Fiscal da Fazenda em sua própria cidade. Ver: SANTOS, Nádia Narcisa de Brito apud GONCAVES, Wilson Carvalho. **CIDADE IDEAL E REAL...** Op. cit .9

¹²⁰ **Relatório do presidente de província do Piauíhy**. Presidente Dr, José Antônio Saraiva. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia Saquarema. 2 Julho de 1851. 40

¹²¹ Idem.

Araújo “o meio ambiente era considerado como responsável principal pela saúde do corpo social e, ao mesmo tempo, de cada indivíduo.”¹²²

Portanto, a febre intermitente que tanto assolava a população devido à poluição dos rios, determinou a ação do presidente de escolher Vila Nova como sendo um local ideal para instalação da sede da capital. Esse desejo de transferência se iniciou muito antes, pois o presidente Góes e Vasconcelos tentava demonstrar a inabilidade de Oeiras de ser capital, por causa do pouco desenvolvimento “da sciencia”¹²³, do comércio e da indústria¹²⁴ e que enquanto capital só era notável devido “a presença do governo e das autoridades”¹²⁵, pois encontrava-se em um local pedregoso, estéril e pouco povoado. Para Zacarias de Góes e Vasconcelos a capital deveria ser situada em “local salubre, abundante d’água fértil, que oferecesse vantagens nas comunicações com toda a província, principalmente com os pontos de maior comercio delas.”

Depois de toda análise da área norte do Piauí e do apoio da população de Vila Velha e de emigrantes do Maranhão para construção de uma cidade situada a uma légua do rio Parnaíba, com prédios que inicialmente seriam construídos e alugados para acomodar as repartições públicas¹²⁶, José Antônio Saraiva toma medidas para realizar a transferência.

O presidente José Antônio Saraiva fez um projeto de lei no ano de 1851, para argumentar por que a transferência da capital de Oeiras para Vila Nova do Poty seria fundamental, vejamos:

- 1.º Por que é ella bem situada, e a mais salubre que é possível. (...);
- 2.º porque fica na posição de tirar a Caxias todo seu commercio, com o Piauhy, conseguindo-se assim a maior vantagem da sua mudança;
- 3.º porque mais proximo da cidade de Parnahiba, póde servir melhor ao desenvolvimento da navegação, e gosar a capital do grande beneficio da facilidade de suas relações politicas, e comerciaes com a Corte, e

¹²² ARAUJO, Maria Mafalda Baldoino de. Na Trama urbana, personagens, experiências e imagens (Teresina 1877 -1910). In: EUGÊNIO, João Kennedy (org.). **História de vários feitos e circunstâncias**. Op.cit., 235.

¹²³ O presidente Sousa Martins no relatório de Província mandado ao Imperador no ano de 1851 comunica que Oeiras não era um centro científico, pois possuía apenas três cadeiras de primeiras letras, uma cadeira de latim e que o ensino secundário foi suspenso. Ver: NUPEM. **Relatório do presidente de província do Piauhy**. Presidente Dr, José Antônio Saraiva. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia Saquarema. 2 Julho de 1851. p. 39

¹²⁴ Segundo relatório de Província descrito por Joze Antônio Saraiva, devido à inexistência de industriais a maioria dos produtos vinha de Caxias, causando dependência de Oeiras. . Ver: NUPEM. **Relatório do presidente de província do Piauhy**. Presidente Dr, José Antônio Saraiva. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia Saquarema. 2 Julho de 1851. p. 39

¹²⁵ Idem, p.39

¹²⁶ **Relatório do presidente de província do Piauhy**. Presidente Dr, José Antônio Saraiva. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia Saquarema. 2 Julho de 1851. p. 41- 42.

de todos os grandes centros de civilização do Império; 4. ° porque fica no Município mais agrícola da Província, e é preciso que o governo cuide seriamente de promover o augumento de sua agricultura, o melhoramento dos processos de que ella usa, e dar a conveniente direção a seus produtos; 5. ° porque é aquella localidade a única que promete florescer à margem ao Parnahiba, a habitar-se em menos tempo para sair da capital da Província.¹²⁷

Contudo, os adversários do presidente não aceitavam a transferência pelos seguintes motivos: “1 ° - o lugar escolhido era insalubre; 2 ° - seus arredores eram estéreis; 3 ° - havia a falta de prédio para habitação dos funcionários públicos gerais e provinciais.”¹²⁸ Podemos perceber entre os dois discursos uma série de divergências, primeiramente em relação a salubridade da região em que Saraiva pretendia instalar a capital, pois como vimos no primeiro capítulo o rio Parnaíba no início do século XIX já era considerado por vários presidentes de província como propiciador de doenças relacionadas ao trato respiratório, porém para Saraiva era o local mais adequado e “com melhores condições de se viver”¹²⁹, podendo haver um certo interesse de mudar a capital para este local, não só por questões econômicas e de salubridade¹³⁰ apontado por José Antônio Saraiva no relatório de província, mas também por que a maior parte da elite piauiense que se encontrava nesse território estavam dispostos a realizar a transferência sem a ajuda financeira do governo Imperial, apenas gastado anualmente pelo presidente “um conto e oitocentos mil reis (...) com aquela quantia podemos alugar os prédios necessários para o accommodamento de todos os estabelecimentos da Província”¹³¹ e sendo de responsabilidade dos imigrantes do Maranhão e das pessoas de Vila Velha construir prédios para serem alugados.

Saraiva em vinte nove do onze de mil oitocentos e cinquenta e um, convoca a Câmara de vereadores de Poty e informa que irá ser efetivada a transferência da capital de Oeiras para Vila Nova, ao mesmo tempo em que pede que todos os participantes da Câmara aprovelem e participem do evento, bem como a indicar o novo nome da vila¹³². Antes da transferência da capital, o presidente José Antônio Saraiva promoveu a

¹²⁷ Idem, Op. cit., p. 42.

¹²⁸ SANTOS, Nádia Narcisa de Brito apud CHAVES, Monsenhor Joaquim. **CIDADE IDEAL E REAL...** Op.cit., p.11.

¹²⁹ SANTOS, Nádia Narcisa de Brito. **CIDADE IDEAL E REAL...** Op. cit. p. 11

¹³⁰ Michel Foucault descreve a salubridade como sendo “o estado das coisas, do meio e seus elementos constitutivos, que permite a melhor saúde possível. ” FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. In: **Microfísica do poder**. Op. cit. p. 163.

¹³¹ **Relatório do presidente de província do Piauí**. Presidente Dr, José Antônio Saraiva. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia Saquarema. 2 julho de 1851. p. 31.

¹³² NUNES, Odilon. **Pesquisa para história do Piauí...** Op. cit., p. 109.

construção da Matriz de Nossa Senhora do Amparo em 1850¹³³, a construção da guarnição de polícia, que se encontrava em 1851 concluída¹³⁴, além disto, após promulgada a lei de Nº 315, em 1852, que relatava sobre a transferência da capital de Oeiras para Vila Nova do Poty, cujo nome seria batizado de Teresina em homenagem a mulher de D. Pedro I, Teresa Cristina, houve também a transferência das repartições públicas e da administração¹³⁵, sendo dividida administrativamente em duas freguesias Nossa Senhora do Amparo e Nossa Senhora das Dores¹³⁶.

O empreendimento feito por José Antônio Saraiva chamou atenção de várias pessoas que migraram para Teresina em busca de melhores condições de vida, além da elite de Vila Velha do Poty, Teresina atraiu para o seu centro pessoas pobres, pois no ano de 1861 já havia “963 casas, sendo 433 solidas e 530 frangeis (de palha) para mais de oito mil habitantes”¹³⁷. Estas pessoas quando não tinham dinheiro para construir casas melhores e se tratar nos padrões da medicina oficial em casos de doenças, eram tachadas como miseráveis, vagabundos e infelizes¹³⁸ pela elite médica e pela imprensa.

Devido ao grande aglomerado populacional, o número de doenças aumentou gradativamente a partir do contato direto de pessoa a pessoa ou indireto pessoa a objeto. Somado a outros fatores como o lixo jogado nas ruas da cidade, esgoto a céu aberto, lavagem de roupas no rio contaminado, tudo isso gerava diversos tipos de doenças contagiosas ou infecciosas.

Muitos homens pobres viviam nesse período em condição semelhante a escravos, sendo subordinado a um senhor, relação paternalista que fez com que as pessoas pobres criassem vínculos de dependência para com o seu senhor, não se desvinculando do papel de agregado pelo medo de ficar sem emprego e serem mal vistos pela sociedade.¹³⁹ E os que do ócio viviam necessitavam de esmolas, como é retratado no jornal a *Época*, vejamos:

[...] esqueletos ambulantes invadem as casas dos particulares, estendendo a mão mirrada a esmolar as migalhas, com que esperam

¹³³ Idem, p. 101.

¹³⁴ **Relatório do presidente de província do Piauí.** Presidente Dr, José Antônio Saraiva. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia Saquarema. 2 julho de 1851. p. 31.

¹³⁵ SANTOS, Nádia Narcisa de Brito. **CIDADE IDEAL E REAL:** discurso civilizador e práticas higiênicas em Teresina (1852-1877). Op. cit., p. 31.

¹³⁶ Idem, p. 12

¹³⁷ CHAVES, Monsenhor. Teresina: Subsídios para História do Piauí. **Obra Completa.** Op. cit., p.39

¹³⁸ Os migrantes”, **A Época** – Teresina. 22 junh.1878 n.12, p.4.

¹³⁹ FILHO, Alcebíades Costa. **Ensino e sociedade no Piauí.** Op.cit.p.34

adiar por mais algumas horas a morte certa, imposta pela fome e pela nudez.¹⁴⁰

Os pobres que não fossem agregados eram predestinados a morrer de fome, devido aos períodos de seca e escassez de alimentos, além de ser uma forma de incentivar os pobres a trabalharem a uma remuneração bem abaixo da esperada. Além disso, os presidentes de províncias utilizavam o discurso da miséria para angariar recursos do Poder Central para o Piauí, sendo bastante observado nos relatórios a atenção dada aos miseráveis tratados no hospital, além dos gastos com comida e moradia realizados pelas administrações provinciais.¹⁴¹

Ao mesmo tempo em que os presidentes de província tentavam adquirir recursos econômicos do poder Central, também adotavam leis para diminuir os gastos com os emigrantes, forçando-os a trabalhar nas piores condições. Caso fossem encontrados sem trabalhar eram tachados pelos presidentes de província e pela própria sociedade como bandidos, vagabundos e miseráveis, principalmente a partir de 1870, quando os policiais de todo império começaram a combater a vadiagem, mendicância e ócio¹⁴².

Os que fossem encontrados sem trabalhar teriam prazo de 30 dias para encontrar ocupação, findo o qual poderiam receber três tipos de pena: multas até 30 réis, prisão até 30 dias e 3 meses de casa de correção ou oficinas públicas.¹⁴³

A determinação desta lei foi fundamental para que houvesse a consolidação do domínio senhoril e controle das pessoas livres pobres, pois o ócio era privilégio da nobreza¹⁴⁴, e os pobres eram obrigados a trabalhar sendo submetido muitas vezes a maus tratos, trabalho excessivo, mal alimentação em troca de casa, proteção e reconhecimento¹⁴⁵, caso não realizassem suas obrigações eram vistos como preguiçosos e vadios¹⁴⁶. Tais condições faziam com que muitos adoecessem por desnutrição, exaustão, cansaço físico e mental.

¹⁴⁰ “Os migrantes”, *A Época* – Teresina. 22/06/1878 n.12, p.4.

¹⁴¹ ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de.. Na Trama urbana, personagens, experiências e imagens (Teresina 1877 -1910). In: **EUGÊNIO, João Kennedy (org.).Op. cit. 240**

¹⁴² FILHO, Alcibíades Costa. Atividades econômicas e sociais. In: **A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí (1850-1889)**. Op. cit. p., 33

¹⁴³ FILHO apud MONTEIRO. Atividades econômicas e sociais. In: **A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí**. Op. cit., p. 33-34

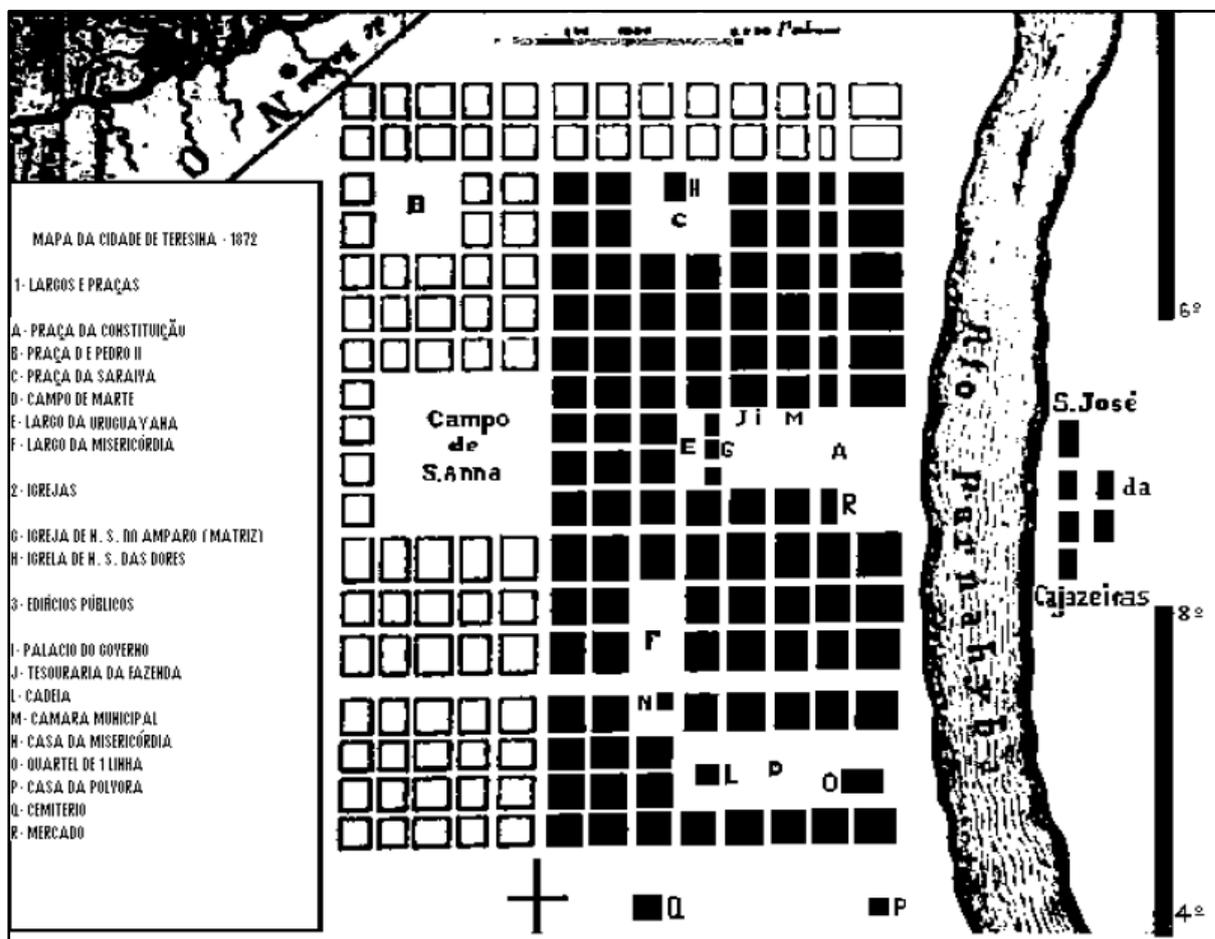
¹⁴⁴ BOVOLENTA, Gisele Aparecida. **A atenção aos pobres: apontamentos históricos sobre assistência e proteção social no Brasil**. História e Cultura. França. v.6, n.2, p. 9 -34, agosto – novembro 2017. p. 12.

¹⁴⁵ FILHO, Alcibíades Costa. Atividades econômicas e sociais. In: **A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí (1850-1889)**. Op. cit. p. 35

¹⁴⁶ Idem

Teresina foi planejada ao modo renascentista, buscando como inspiração as grandes capitais de Paris, o centro da cidade “teve por base um traçado com forma de tabuleiro de xadrez”¹⁴⁷, suas ruas foram alinhadas e divididas em quarteirões, o que facilitava o fluxo de mercadorias, pessoas e circulação do ar.

Vejamos a seguir a planta de Teresina no século XIX:



Mapa 01: A cidade de Teresina no século XIX, com base no Recenseamento Geral do Império do ano de 1872. Disponível no Arquivo Público do Estado do Piauí – Casa Anísio Brito, Recenseamento Geral do Império/Mapas.

A imagem da estrutura de Teresina nos anos de 1872 demonstra a organização das ruas, porém assim como todo local que é feito às pressas, há vários “defeitos inerentes a um desenvolvimento prematuro e apressado”¹⁴⁸. Primeiramente em relação às edificações, pois apesar de Teresina em 1852 já ter algumas construções públicas,

¹⁴⁷ ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoino de. Na trama urbana, personagens, experiências e imagens (Teresina, 1877 -1910). In: EUGENIO, João Kennedy (org). **História de vários feitos e circunstâncias...** Op. cit. p.235.

¹⁴⁸ CHAVES, Monsenhor. CHAVES, Monsenhor. Teresina: Subsídios para História do Piauí. **Obra Completa...** Op. cit. 27

várias repartições foram instaladas em casas alugadas ou em locais públicos insalubres e inadequados para o funcionamento.

Devido ao crescimento demográfico progressivo, surgiu a necessidade da criação de um Hospital da Caridade na nova capital para atender os enfermos. Sem recursos nos cofres da Província o presidente José Antônio Saraiva juntamente com a Assembleia da Província resolveu reduzir o Hospital da Caridade de Oeiras a uma única enfermaria, com a presença de um enfermeiro, um servente para atender as necessidades daquela cidade, uma botica e um médico. Com isso, foi instalado a repartição do hospital de Oeiras na capital de Teresina, em parte do estabelecimento do corpo de polícia em 1854, com 25 acomodações para os enfermos¹⁴⁹.

No ano de 1853 a 1854 período transitório de mudança de todos os suportes administrativos e redução do hospital a uma única enfermaria em Oeiras, segundo o Dr. Servio Ferreira foram atendidos no hospital 42 indivíduos, com diversas enfermidades: 13 atingidos com sífilis, 2 com sarampo, 5 com gastrite, 5 com metrite, 1 com fratura no braço, 3 com preurize, 1 com problemas pulmonares, 4 febre intermitente, 3 enterite, 1 com Anezaria, 1 aborto, 2 com pneumonia e 2 com demência.¹⁵⁰ Analisando tais informação, avaliamos que o número de pessoas atingidas por doenças em Oeiras era relativamente alto, e que a redução ocorrida no ano de 1854 pode ter aumentado ainda mais o percentual de morte dos indivíduos, somado a outros fatores já apontados no capítulo anterior, como insalubridade, falta de medicamentos, amontoado de enfermos com pessoas não enfermas dentro do mesmo ambiente, dentre outros fatores¹⁵¹.

Logo abaixo no relatório de Província consta a quantidade de doentes atendidos em Teresina no ano de sua instalação:

TABELA 2. Mapa dos doentes que entraram no hospital da Caridade de Teresina desde o dia 15 de fevereiro até 1854.

Moléstias	Condição	Idade	Naturalidade	Entraram
-----------	----------	-------	--------------	----------

¹⁴⁹ **Relatório do presidente da província do Piauí.** Vice-Presidente Luiz Carlos de Paiva Teixeira. Assembleia Legislativa Provincial, sessão aberta. Teresina: Typographia Constitucional.5 de dezembro de 1853. p. 9

¹⁵⁰ **Relatório do presidente da província do Piauí.** Vice-Presidente Luiz Carlos de Paiva Teixeira. Assembleia Legislativa Provincial, sessão aberta. Teresina: Typographia Constitucional.5 de dezembro de 1853. Anexada ao final do relatório, sem paginação.

¹⁵¹ Ver tópico 2.1: Descontinuidade entre a atuação política e o projeto de medicina social, nas paginas 28-29.

Artrite Syphilitica	Mulato	30	Ceará	1
Anazarca e anemia	Branco	30	Porto	1
Athemia	Cabra	34	Maranhão	1
Amenorrheo	mulato	22	Ceará e São Gonçalo	2
	mulato	35		
Butões Hemoroideaes	mulato	8	Theresina	1
Bulões	mulato	20	Maranhão	2
	mulato	20	Pastos-bons	
Catarro pulmonar	criolo	30	Theresina	2
	branco	20	Valença	
Cancros Venéreos	cabocola	15	Theresina	3
	mulata	22	Oeiras	
	mulata	26	Oeiras	
Dores ostescopas	Cabra	35	Bahia	3
	cabocola	22	P. Imperial	
	mestica	20	Ceará	
Dismenorrhea	Indiana	28	Valença	1
Febre intermitente	mulata	4	Theresina	1
Necrosena	Cabra	25	Oeiras	1
Otite e ophtalmia	mulato	14	Maranhão	3
	mestico	44		
	parda	35		
Paralisia	mulato	30	Valença	4
	mulato	40	Bahia	
	cabra	64	Piaui	
	mulata	30	Theresina	

Reumatismo	mulata	20	Parnahyba	1
Syphilis e sessões	cabra	25	Oeiras	1
Tuberculos pulmonares	brança	40	Marvão	1
Syphilis	cabocola	30	Ceara	4
	cabocola	32	P. imperial	
	Branco	34	Bahia	
	cabocola	15	Puty	
Ulcera	branca	22	Piauí	3
	cabra	31	Marvão	
	branco	51	Tutoya.	
Quantidade de doentes no total				56

NUPEM. Relatório do presidente de província do Piahy. Vice-Presidente Góes e Vasconcelos apresentado a Assembleia Legislativa Provincial. Teresina: Typographiao o observador de F.M de Almeida. 1 de julho de 1854. Quadro letra (E). Realizado pelo médico do partido público Simplício de Sousa Mendes.

Na tabela elaborada pelo Dr. Simplício de Sousa Mendes, percebemos que a quantidade de doentes que entraram no hospital foi de (56) cinquenta e seis. Como já foi descrito antes, no ano de 1854, o hospital só contava com 25 acomodações. A pergunta que fica é: Como era realizado o atendimento de um número relativamente alto de doentes para a um hospital que existia apenas 25 acomodações?

Além disso, podemos perceber que a maioria dos indivíduos que era atendidos nesse hospital possuíam naturalidade de províncias vizinhas e na sua maioria eram mulatos. Dessa forma, concordamos com o historiador Francisco Gleison da Costa Monteiro (2016) que na sua tese “[...] cumprindo ao homem ser trabalhador, instruído e moralista. Terra, trabalho e disciplina aos homens livres pobres da Província do Piauí (1850-1888)” afirma que o Piauí não era isolado das demais províncias, e que o contato estabelecido não era apenas pelo comercio, mais também por indivíduos migrantes e transeuntes.¹⁵²

¹⁵² MONTEIRO, Francisco Gleison da Costa. Ocupação, povoamento e modo de viver nas Ribeiras do Piauí. In: “(...) **cumprindo ao homem ser trabalhador, instruído e moralista**”: terra, trabalho e disciplina aos livres pobres na província do Piauí (1850 -1888). Op. cit., p. 43

Assim como em Oeiras, na capital de Teresina as doenças endêmicas continuaram a existir, principalmente a febre amarela, típica da região e doenças relacionadas ao trato respiratório, como defluxões, sarampo¹⁵³.

Outra modificação a fim de prevenir a saúde da população foi à criação do cemitério São José no mesmo ano de transferência da capital em 1852, e concluído em 1859 com a construção de uma capela e um jardim pelo presidente de Província Oliveira Junqueira, sendo de responsabilidade do administrador do cemitério conservar o ambiente nas melhores condições. O cemitério foi construído longe do perímetro urbano, prática que tentava se estabelecer desde o presidente Sousa Martins¹⁵⁴, pois a partir do projeto de medicina social, os médicos juntamente com a elite local acreditavam que os miasmas e odores pútridos advindos dos mortos causavam doenças epidêmicas.

Em São Luís do Maranhão, por exemplo, no ano de 1851, quando ocorreu o surto de febre amarela o presidente de província Silva Maia justificou o aparecimento do surto a partir da visualização de insalubridade do meio, ou seja, do lixo jogado no meio da rua, dos miasmas vindos das sepulturas das igrejas, e dos excrementos espalhados pela rua da cidade¹⁵⁵ e, portanto, “segundo Cesar Marques, havia sido inteiramente originada no centro da cidade, não sendo, portanto, “importada” de outras províncias (da Bahia, de Pernambuco ou do Pará)¹⁵⁶. Essa é a visão de presidentes que vivenciaram o momento e não sabiam sobre a existência do mosquito *Aedes Aegypti*¹⁵⁷, sendo também possível que os presidentes de província do Piauí tenham interpretado dessa forma o surgimento da febre amarela no ano de 1864, no qual já havia “12 victimas de febre amarela”¹⁵⁸ em Teresina, e podendo ser levado em consideração o contato através da comercialização, uma vez que foi instalado quarentenas ao longo do rio Parnaíba.

¹⁵³ **Relatório do Presidente de Província do Piauí.** Vice Presidente da Província Luiz Carlos de Paiva Teixeira. Assembleia Legislativa Provincial, sessão aberta. Teresina: Typographia Constitucional. 1 de julho de 1853, p. 13.

¹⁵⁴ Ver capítulo anterior p. 27-28.

¹⁵⁵ COE, Agostinho Júnior Holanda. “**NÓS, OS OSSOS QUE AQUI ESTAMOS, PELOS VOSSOS ESPERAMOS**”: a higiene e o fim dos sepultamentos eclesiásticos em São Luís (1828-1855). Dissertação (mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará. Departamento de História, Fortaleza - CE, 2008. p.43

¹⁵⁶ Idem.

¹⁵⁷ Mosquito que transmite o vírus da febre amarela.

¹⁵⁸ **Relatório do Presidente de Província do Piauí.** Presidente Franklin Américo de Menezes Doria. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária, San´Luiz: Typographia de B. de Mattos. 1 de julho de 1864, p. 14-15.

Esses são alguns dos elementos que foram utilizados para se evitar doenças endêmicas e epidêmicas, mas apesar dos esforços a população de Teresina foi atingida fortemente pela varíola em dois momentos 1865-1866 e de 1875-1877. Vejamos a seguir como se deu a chegada, a proliferação e o tratamento.

3.2. Chegada da varíola, possíveis motivos para a proliferação e tratamento em Teresina.

Como já vimos no capítulo anterior, no início do século XIX, o povo piauiense vivenciou a varíola através do medo desta doença se estabelecer no território. Em Oeiras foi implantado duas medidas principais para prevenir a varíola: primeiramente a quarentena no rio Parnaíba, para impedir a entrada de navios com pessoas e objetos contaminados vindos do Maranhão¹⁵⁹ e a segunda corresponde à vacina Antivariólica ou Jenneriana que supostamente imunizava as pessoas contra a doença.

A partir de setembro 1865 é que se inicia o surgimento da epidemia de varíola em Teresina, e a preocupação dos presidentes e médicos que outrora era o de prevenir a doença, agora passa a ser maior, a de tratar e atender aos indivíduos doentes. Mesmo já havendo casos anteriores de varíola anunciados pelos jornalistas da época como bexiga branca, também classificada pelos médicos como “mui benignas ou cataporas - variocelle, variole -, que antes podem ser reputadas -preservativo - das bexigas verdadeiras, e de má qualidade”¹⁶⁰, foi somente na data acima que a varíola foi considerada de fato uma epidemia, assumindo uma maior seriedade,¹⁶¹ devido ao grande número de pessoas que atingiu.

Para compreender o surgimento da varíola, faz-se necessário conhecer os antecedentes históricos, assim ficará explícito o porquê que esta doença tomou tanta dimensão e atingiu grande quantidade de pessoas, a ponto de o presidente Menezes Doria ter criado uma enfermaria apenas para os bexiguentos no dia 24 de outubro de 1865 e que funcionou até 18 de janeiro de 1866, sendo registrado o seguinte movimento: “Entradas- 60; curados- 46, morreram -14”¹⁶²

¹⁵⁹ **Relatório de presidente de província do Piauí.** Presidente Sousa Ramos. Assembleia Legislativa Provincial. Oeiras: Typographia Provincial. 7 de julho de 1844.p.8

¹⁶⁰ **A VOZ DA VERDADE.** Teresina. n. 7, 8 mar. 1849.

¹⁶¹ **Relatório de presidente de província do Piauí.** Presidente Dr. Franklin Américo de Mendes Doria. Teresina: Typographia de B. de Mattos, rua da Paz. 9 de julho de 1866. p. 19.

¹⁶² CHAVES, Monsenhor. **Obra Completa.** Op. cit., p. 45.

Desde o início do século já havia uma forte preocupação dos presidentes e da elite médica local com relação à varíola. No ano de 1849 já existia indícios de que na Bahia e Maranhão a varíola estava “pegando a vida”¹⁶³ dos indivíduos e que graças a providência divina a população de Teresina não foi acometida por esse temeroso mal. Com medo de que a doença adentrasse a província, algumas medidas foram adotadas, como a vacinação. Em Teresina o responsável por preparar o fluido vacínico e aplicá-la era o médico Simplício de Sousa Mendes.

Em Teresina, o pus continuava a ser trazido do Maranhão, Pernambuco e Bahia, sendo utilizada a justificativa pelo Dr. Francisco Antônio Pereira de Carvalho então presidente da província, que a má qualidade do pus vacínico devido as variações climáticas, tornava ineficaz a vacinação. O que parece é que assim como a epidemia de varíola ocorrida no ano de 1860 no Rio de Janeiro¹⁶⁴ e no Ceará em 1879¹⁶⁵, os médicos não sabiam ao certo o modo de transmissão desta doença tentando alinhar tanto as teorias contagionistas quanto infeccionistas¹⁶⁶ na explicação dos surtos, fazendo com que muitas pessoas desacreditassem no potencial dos médicos e perdessem a fé na vacina devido à degeneração das mesmas e por não surtir os efeitos desejados¹⁶⁷. Foram vacinados ao todo 1300 pessoas, no qual 808 surtiram efeito e 331 não tiveram efeito algum. Como é posto no jornal “*A voz da verdade*”, o relato de um médico da província que diz: “todavia somos olhados como suspeitos, mal-vistos, e dizem-nos até que paguejados”¹⁶⁸

A classe médica demonstrava ceticismo, mas ainda sofria resistência. Na Europa, a situação se agravou ainda no século XVII, pois foi comprovado que cerca de “2% dos

¹⁶³ **Relatório do presidente da província do Piauí.** Presidente Anselmo Francisco Perreti. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. Oeiras: Impresso na Typographia Saquarema. 5 de julho de 1849. p.14.

¹⁶⁴ CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril:** cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Campanha de Letras. 1996.

¹⁶⁵ REIS, Darlan de Oliveira. CÓLERA, VARÍOLA E FOME NO INTERIOR DA PROVINCIA DO CEARÁ: as crises sociais no Cariri do século XIX. **Revista Historiar**, Ceará, v.9, n. 16, p.61-75, jan./jun. de 2017.

¹⁶⁶ “Em outras palavras, os contagionistas achavam que o aparecimento de uma determinada moléstia sempre se explicava pela existência de um veneno específico que, uma vez produzido, podias se reproduzir no individuo doente e assim se espalhar na comunidade, e isso independente da continuação das causas originais reinantes quanto da produção do veneno. Por infecção se entendia a ‘ação exercida na economia por miasmas mórbidos’: Ou seja, a infecção se devia à ação que substancias animais e vegetais em putrefação exerciam no ambiente”. CHALHOUB, Op. cit., p.64.

¹⁶⁷ **Relatório de presidente de província do Piauí.** Presidente Dr. Franklin Américo de Mendes Doria. Teresina: Typographia de B. de Mattos, rua da Paz. 9 de julho de 1866. p. 21.

¹⁶⁸ **A VOZ DA VERDADE.** Teresina. Ano [?], n. 8, 15 mar. 1849.

inoculados morria e muitos desenvolviam formas graves da doença”¹⁶⁹. Assim também como no século XIX, no qual, havia disputa de espaço entre ciência e religião, podendo ter ocorrido o fato de a igreja se opor a inoculação com a justificativa de que esta fórmula teria sido criada para “degenerar a raça humana”¹⁷⁰, fazendo com que o povo criasse repugnância e resistisse a vacinação, em Teresina, tais características podem ajudar na explicação da pouca quantidade de vacinados, justificando o aparecimento de surtos epidêmicos nos anos de 1865-1866 e dez anos após 1875-1877.

A população criou certa repugnância à vacina¹⁷¹, pois acreditavam que as doenças deveriam serem expulsas do corpo e não introjetadas através do vírus da vaca conhecido como “*cowpon*”, sendo mais um fator que explica a resistência da população com relação ao processo de vacinação.

As rotas comerciais com Maranhão, Bahia e Pernambuco não foram minimizadas pelo medo do surto como aconteceu em Oeiras¹⁷², sendo relativamente alta a quantidade de importação quanto de exportação em período anterior ao surto epidêmico. Em Teresina nos anos de 1853-1854 e 1857-1858 foram importados 902.087.739 e exportado nos anos de 1858-1859 e 1862-1863 um total de 1.603.100.785¹⁷³.

Através da análise, percebemos que a comercialização favoreceu a entrada e proliferação do vírus da varíola, sendo o contato com objetos e pessoas de fora da província fundamental para que o contágio ocorresse de pessoa a pessoa ou de pessoa a objeto.

Além disto, segundo Nádia Narcisa de Brito Santos (2016), no qual, a mesma se baseia em jornais da época, o surgimento e proliferação da varíola estavam associados a outros elementos, tais como: “focos de miasmas, proliferados pela junção de lixo, carne em decomposição, defecação de animais, entulhos e sujeira das casas”¹⁷⁴, portanto

¹⁶⁹ A HISTÓRIA DAS VACINAS: Uma técnica milenar. Disponível: <http://www.ccms.saude.gov.br/revolta/pdf/M7.pdf> acesso 14/11/2017.

¹⁷⁰ Idem

¹⁷¹ REIS, Darlan de Oliveira. **CÓLERA, VARÍOLA E FOME NO INTERIOR DA PROVINCIA DO CEARÁ**. Op. cit., p. 71

¹⁷² **Relatório do presidente de província do Piauí**. Presidente Sousa Martins. Assembleia Legislativa Província. Oeiras: Typografia Provincial. Julho de 1835, p.7

¹⁷³ **Relatório do presidente da província do Piauí**. Vice-Presidente Balduino José Coelho. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. São Luiz: Typographia do Progresso. 1 de novembro de 1855. p.39

¹⁷⁴ SANTOS, Nádia Narcisa de Brito. **CIDADE IDEAL E REAL...** Op. cit., p. 47.

sendo considerada também como doença infecciosa, que se desenvolveu a partir dos miasmas ocasionado pela insalubridade pública.

A doença pode ter sido também associada à deficiência alimentar, pois o período em que a população mais foi acometida pela varíola coincide com a maior escassez de alimentos, em que parte da população pobre passava por uma terrível fome, devido ao aumento do preço da farinha de mandioca, que era alimento básico da alimentação e estava praticamente inexistente na região no ano de 1855.¹⁷⁵

No ano de 1855 devido a maior quantidade de doentes, foi instalado em 14 de março no quartel uma enfermaria militar, dirigida pelo Dr. Constantino, no entanto, neste local só poderia ser atendido os recrutados do exército e voluntários da pátria que não estivessem acometidos pelo vírus da varíola. Os “praças do exército” que assim se achassem doentes, seriam medicados em um lazareto especial pelo médico citado acima¹⁷⁶. Segundo Cleide de Lima Chaves, o lazareto era o confinamento de indivíduos doentes em locais apropriados, ou melhor, devidamente estudados e preparados para o isolamento.¹⁷⁷

Também foram utilizadas a fumaça como importante elemento para a eliminação da epidemia de varíola. Como afirma Nádía Narcisa Brito Santos (2016): Com a finalidade de atenuar os surtos epidêmicos, as autoridades competentes tomam como medidas profiláticas as fogueiras, que deveriam ser acessas nas principais ruas da cidade a fim de purificar o ar e eliminar a disseminação da epidemia.¹⁷⁸

O ar era visto como um grande veículo que propagava e transmitia as doenças, cabendo aos presidentes de províncias criar mecanismos para eliminar a disseminação de doenças, acreditado estes que a fumaça das fogueiras dirimia os odores pestilentos, transformando a realidade do meio, fato que não ocorria em Oeiras no início do período oitocentista. Como explica Roberto Machado (1978):

A cidade, com suas ruas, becos e praças, aparece nos discursos como objeto de um conhecimento e uma prática motivados pela retirada ou eliminação do que e tido e ditados pela não observância das posturas;

¹⁷⁵ **Relatório do presidente da província do Piauí.** Vice-Presidente Balduino José Coelho. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. São Luiz: Typographia do Progresso. 1 de novembro de 1855. p. 30.

¹⁷⁶ **Relatório do presidente de província do Piauí.** Presidente Dr, Franklin Américo de Mendes Doria. Assembleia Legislativa Provincial. Teresina: Typographia de B. de Mattos Prada da Paz. 9 Julho de 1866. p. 16.

¹⁷⁷ CHAVES. Cleidiane de Lima. Epidemias e quarentenas no Brasil e no Rio da Prata. **Epidemias e quarentenas no Brasil e no Rio da Prata no século XIX.** Bahia, 2011.

¹⁷⁸ SANTOS, Nádía Narcisa de Brito. **CIDADE IDEAL E REAL...** Op. cit., p. 47.

não se constitui como objeto passível de sofrer uma intervenção que signifique não o conserto, a restauração, mas a transformação¹⁷⁹.

Como um dos principais sintomas da varíola eram as febres, os principais tratamentos realizados por botânicos e adotados posteriormente por médicos foi o chá de flor de sabugueiro, de macela, flor cordiais, chá de folha de laranja, de avença, ervas de chumbo, de bentônica, chá da índia, café, purgantes de óleo de rícino, de maná, água vienense, ruibarbo, batata de ipecacuanha, resina de batata e ler oi.¹⁸⁰ Como os que teriam sido vacinados apresentariam a doença de uma forma mais branda, o Comissário Vacinador Provincial Simplício de Sousa Mendes, fazia algumas recomendações para aqueles que receberam o pus vacínico:

Enquanto não aparecerem as pústulas vacinicas ninguém se poderá lavar, nem apanhar muito sol, humidade, frieza, etc.; assim como não comerá essas coisas carregadas, oleosas, misturadas e excitantes que por ai há, por exemplo: feijão, peixe, panelada ou mocotó, caças do mato, criações, peru, pato, etc¹⁸¹.

Desde outubro de 1855 a julho de 1866, constava no cemitério público 118 cadáveres enterrados, vítimas da varíola, “nos quaes 83 falleceram anno passado e as mais no correr do anno, e pertenciam ao sexo masculino 61 e ao feminino 57”¹⁸² não sendo incluído os óbitos ocorridos no subúrbio, no qual consta os atendidos os últimos casos desse primeiro surto epidêmico, no Hospital da Santa Casa em 18 de janeiro de 1866. Dez anos após o primeiro surto, ocorreu outra epidemia de varíola, no qual a principal medida realizada pelo presidente da província Dr. Luiz Eugênio Horta Barbosa foi nomear quatro médicos: Dr. Simplício de Sousa Mendes, Raymundo d’Aréa Leão, Constantino Luiz da Silva Moura e Joaquim Antônio da Cruz para cuidar dos enfermos, sendo realizada mais de duas mil inoculações do vírus, através da vacina tanto em pessoas do sexo masculino, quanto feminino¹⁸³. O número de pessoas vacinadas aumentou devido a fabricação da vacina ter sido feita na própria capital, vindo da corte apenas laminas de boa qualidade do pus vacínico. No ano de 1877 o último doente

¹⁷⁹ MACHADO, Robert et al. **Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil.** Op. cit., p. 46

¹⁸⁰ CHAVES, Monsenhor. **Obra Completa.** Op. cit., p.45

¹⁸¹ Idem.

¹⁸² **Relatório de presidente de província do Piauí.** Presidente Dr. Franklin Américo de Mendes Doria. Teresina: Typographia de B. de Mattos, Rua da Paz. 9 de julho de 1866. p.20

¹⁸³ **Relatório do presidente da província do Piauí.** Presidente Dr. Luiz Eugenio Horta Barbosa. Assembleia legislativa provincial, sessão ordinária. Theresina? Typographia da Moderação, 2 de janeiro de 1877.

hospitalizado na enfermaria de variolosos tem alta e o estado clínico da província melhora.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa concluímos que houve transformações nas capitais de Oeiras e Teresina a fim de evitar a proliferação de doenças sejam elas endêmicas ou epidêmicas. Em Oeiras as mudanças se deram em menor quantidade, sendo utilizado principalmente o discurso de que havia poucos recursos para investir na saúde pública e salubridade do meio. Apesar de todas as adversidades, até a metade do século XIX não se desenvolveu epidemicamente as doenças que assolavam territórios vizinhos, como: varíola e febre amarela, sendo identificado na documentação analisada apenas três caso de varíola na primeira capital do Piauí¹⁸⁴, além disto, percebe-se que a maior taxa de mortalidade da população se deu por doenças endêmicas, relacionadas ao trato respiratório como: febre intermitente, tuberculose pulmonar,

As doenças que constatamos nos relatórios de províncias e jornais até a metade do século XIX tiveram várias causas, à exemplo das variações climáticas: quente e frio, do contato direto: pessoa a pessoa ou indireto: pessoa a objeto contaminado, sendo estas doenças com características mais adequadas à teoria infeccionista do que bacteriológica na época em questão.

Como vimos, a capital foi mudada com intuito do presidente de província José Antônio Saraiva propiciar um local salubre para população, livre de doenças. Apesar de ter sido um local planejado, assim como os grandes centros urbanos, a transferência da capital para Teresina apresentou vários problemas. Sendo vista como um território ideal para uma melhor sobrevivência da população, vários migrantes se fixaram em Teresina gerando um grande aglomerado de pessoas, sendo maior o fluxo de transeuntes e crescente o número de pessoas pobres atingidas por doenças endêmicas e epidêmicas.

As casas de palha localizadas nos centros da cidade ou próximas ao rio passaram a ser cada vez mais o espaço para o desenvolvimento de doenças, além de que os estabelecimentos encarregados de tratar as pessoas pobres, tais como a Santa Casa de Misericórdia que atendia aos “mais necessitados” se encontrava em um espaço

¹⁸⁴ Ver página 21.

inadequado e com uma quantidade insuficiente de leitos. A varíola, que era um dos grandes medos de toda a população desde o início do século, deixou de estar apenas nos discursos que circulavam nos jornais e passou a ser uma doença de caráter epidêmica no ano de 1865-1866, sendo necessárias ações mais efetivas de prevenção e tratamento, mesmo que sofrendo grandes obstáculos por parte da população.

No geral, em ambas as capitais, os presidentes de província e médicos tentaram alinhar a saúde pública a um projeto de medicina social vigente nas principais cidades brasileiras, mas é a partir da metade do século XIX que esta tentativa de normatizar os comportamentos higiênicos da população ganhou maior visibilidade no contexto do Piauí.

Apesar da dificuldade para leitura das fontes, e idealização desse trabalho, este serviu para o nosso desenvolvimento crítico, uma vez que podemos notar através das fontes que as políticas públicas que outrora foram utilizadas para prevenir a saúde nos indivíduos, não se diferenciavam muito da nossa realidade, uma vez que ainda convivemos diariamente com esgotos a céu aberto, insalubridade nos hospitais, péssimas condições de vida e de trabalho, desfavorecendo principalmente os indivíduos que estão à margem da sociedade.

A nosso ver, apesar de muitas vezes os abastados não terem conseguido respostas significativas com relação as medidas adotadas para prevenir ou tratar doenças, tais medidas foram uma forma de dar respostas à população, a partir das condições materiais e teorias médicas vigentes no momento, tentando apontar caminhos para um ideal de progresso e de civilização que cada vez mais fazia uso da higiene urbana como elemento de explicação do atraso das cidades.

REFERÊNCIAS

FONTES

a) JORNAIS

A VOZ DA VERDADE. Teresina. Ano [?], n. 7, 8 mar. 1849.

O CORREIRO. Oeiras. Ano [?], n. 12, 8 ago. 1835.

O LIBERAL PIAUHYENSE. Teresina. Ano I, n. 13, 5 nov. 1846.

“Os migrantes”, **A Época** – Teresina. 22 jun. 1878 n.12, p.4.

b) RELATÓRIOS DE PROVÍNCIAS (encontrados no NUPEM- Núcleo de pesquisa História e Memória).

Relatório do presidente da província do Piauí. Presidente Souza Martins. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. Oeiras: Impresso na Typographia da Silveira. 4 de maio de 1835.

Relatório do presidente da província do Piauí. Presidente Souza Martins. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. Oeiras: Impresso na Typographia da Silveira. 1 de julho de 1836.

Relatório do presidente da província do Piauí. Presidente Souza Martins. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. Oeiras: Impresso na Typographia provincial. Julho 1837.

Relatório do presidente da província do Piauí. Presidente Souza Martins. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. Oeiras: Impresso na Typographia provincial. 1 de julho 1838.

Relatório do presidente da província do Piauí. Presidente Souza Martins. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. Oeiras: Impresso na Typographia provincial. 24 de outubro de 1839.

Relatório do presidente da província do Piauí. Presidente Souza Martins. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. Oeiras: Impresso na Typographia provincial. 8 de agosto 1840.

Relatório do presidente da província do Piauí. Presidente Souza Martins. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. Oeiras: Impresso na Typographia provincial. julho 1841.

Relatório do presidente da província do Piauí. Presidente Souza Martins. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. Oeiras: Impresso na Typographia provincial. 4 de outubro 1842.

Relatório do presidente da província do Piauí. Presidente Souza Martins. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. Oeiras: Impresso na Typographia provincial. 7 de julho 1843.

Relatório do presidente da província do Piauí. Presidente Dr. José Ildefonso de Sousa Ramos. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. Oeiras: Impresso na Typographia provincial. 4 de julho 1844.

Relatório do presidente da província do Piauí. Presidente Góes e Vasconcellos. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. Oeiras: Impresso na Typographia provincial. 1 de agosto de 1845.

Relatório do presidente da província do Piauí. Presidente Góes e Vasconcellos. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. Oeiras: Impresso na Typographia provincial. 11 de julho 1846.

Relatório do presidente da província do Piauí. Presidente Souza Martins. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. Oeiras: Impresso na Typographia provincial. 21 de julho 1847.

Relatório do presidente da província do Piauí. Vice-Presidente Xavier Cerqueira. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. Oeiras: Impresso na Typographia provincial. 21 de junho 1848.

Relatório do presidente da província do Piauí. Presidente Anselmo Francisco Perreti. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. Oeiras: Impresso na Typographia Saquarema. 5 de julho de 1849.

Relatório do presidente da província do Piauí. Presidente Dr. Joze Antonio Saraiva. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. Oeiras: Typographia Saquarema. 3 de julho de 1851.

Relatório do presidente da província do Piauí. Presidente Joze Antonio Saraiva. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. Caxias: Typographia Independente. 1 de julho de 1852.

Relatório do presidente da província do Piauí. Vice-Presidente Luiz Carlos de Paiva Teixeira. Assembleia Legislativa Provincial, sessão aberta. Theresina: Typographia Constitucional. 5 de dezembro de 1853.

Relatório do presidente da província do Piauí. Presidente Dr. Antonio Francisco Pereira de Carvalho. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. Maranhão: Typographia do observador de F. M. de Almeida. 1 de julho de 1854.

Relatório do presidente da província do Piauí. Vice-Presidente Baldoino José Coelho. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. São Luiz: Typographia do Progresso. 1 de novembro de 1855.

Relatório do presidente da província do Piauí. Presidente Dr. João José de Oliveira Junqueira. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. Maranhão: Typographia Constitucional. 2 de julho de 1857.

Relatório do presidente da província do Piauí. Presidente Dr. João J. D' Oliveira Junqueira. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. Maranhão: Typographia Temperança. 1 de julho de 1858.

Relatório do presidente da província do Piauí. Presidente Dr. Antonio Corrêa do Couto. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. Teresina: Typographia Constitucional. 27 de junho de 1859.

Relatório do presidente da província do Piauí. Vice-Presidente Dr. José Mariano Lustosa do Amaral. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. Teresina: Typographia Constitucional. 5 de novembro de 1859.

Relatório do presidente da província do Piauí. Presidente Franklin Americo de Menezes Doria. Assembleia Legislativa Provincial, sessão extraordinária. San'Luiz: Typographia de B. de Mattos. 1 de julho de 1864.

Relatório do presidente da província do Piauí. 2.º Vice-Presidente Dr. Antonio de Sampaio Almendra. Assembleia Legislativa Provincial, sessão extraordinária. Teresina: Typographia Progressista, impresso por Manoel Victorianno Marques. 28 de maio de 1864.

Relatório do presidente da província do Piauí. Presidente Dr. Franklin Americo de Menezes Doria. Assembleia Legislativa Provincial, sessão ordinária. San'Luz: Typographia de B. de Mattos. 12 de julho de 1865.

Relatório de presidente de província do Piauí. Presidente Dr. Franklin Americo de Mendes Doria. Teresina: Typographia de B. de Mattos, rua da Paz. 9 de julho de 1866.

c) **CORRESPONDÊNCIA**

APEP. **Correspondência com o ministério dos Negócios da Guerra.** 1844/1849. Código 050.

PROJETO RESGATE BARÃO DO RIO BRANCO. Arquivo Histórico Ultramarino. AHU_ACL_CU_016, Cx.13, D.741. 20 de dezembro de 1776. Acesso: <http://resgate.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=016_PI&pesq=Hos..>.

d) **LIVROS, CAPÍTULOS DE LIVROS, ARTIGOS DE REVISTAS:**

ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoino de. Na Trama urbana, personagens, experiências e imagens (Teresina 1877 -1910). In: EUGÊNIO, João Kennedy (org.). **História de vários feitos e circunstâncias.** Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001. p. 234-252.

BOVOLENTA, Gisele Aparecida. **A atenção aos pobres:** apontamentos históricos sobre assistência e proteção social no Brasil. História e Cultura. França. v.6, n.2, p. 9 - 34, agosto – novembro 2017.

BRANDÃO, Tania Maria Pires. **A elite colonial piauiense:** família e poder. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **O ESCRAVO NA FORMAÇÃO SOCIAL DO PIAUÍ:** perspectiva histórica do século XVIII. Teresina, 1999.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril:** cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Campanha de Letras. 1996.

CHAVES, Cleide de Lima. Epidemias e quarentenas no Brasil e no Rio da Prata. **Epidemias e quarentenas no Brasil e no Rio da Prata no século XIX.** Bahia, 2013.

CHAVES, Monsenhor. Teresina: Subsídios para História do Piauí. **Obra Completa.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

CORBIN, Alain. **Saberes e odores:** o olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove. São Paulo: Campanha de letras. 1987.

ELIAS, NOBERT. **O processo civilizador:** uma história dos costumes. 2 ed. 1. Rio de Janeiro. Zahar, 2011.

EUGÊNIO, Alisson. **Fragilidade pública em face das epidemias na segunda metade do século XIX mineiro.** Rio de Janeiro: várias histórias, julh.2004.p.211- 234. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/572cb101e3214080c968afa7/1462546703094/10_Eugenio%2C+Alisson.pdf> acesso em 25/10/2016.

FERREIRA, Vinicius Ribeiro Cordão. **Do jornalismo político a visibilidade literária:** o panorama da imprensa Piauiense no século XIX. 10ª Encontro Nacional de História da Mídia. Rio de Janeiro, 2015.

FILHO, Alcibíades Costa. Atividades econômicas e sociais. **In: A escola do sertão:** ensino e sociedade no Piauí (1850-1889). Teresina. Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. In: **Microfísica do poder.** 27 ed. São Paulo: Graal, 2013, p.163.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. **Dicionário enciclopédico Piauiense Ilustrado.** Teresina: 2003.

JUNIOR, Darlan de Oliveira Reis. **Cólera e fome no interior da província do Ceará:** as crises sociais no Cariri do século XIX. Ceara, 2017.

LEAL, Ana Regina Barros Rego. **Imprensa piauiense:** atuação política no século XIX. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

LIMA, Nilsângela Cardoso. **Imagens de Teresina (PI) no século XIX-XX: sentimentos, tramas urbanas e práticas jornalísticas.** In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH. São Paulo, Julh. 2011. p.1-15.

LIMA, Solimar Oliveira. Formas de controle e resistência dos trabalhadores escravos. In: **BRAÇO FORTE: trabalho escravo nas fazendas da nação no Piauí (1822-1871).** Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí, 2005.

MACIEL, Laura Antunes. **De “o povo não sabe ler” a uma história dos trabalhadores da palavra.** São Paulo, 2006.

MACHADO, Robert et al. **Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil.** Rio de Janeiro. Graal, 1978.

MAGALHÃES, Sônia Maria de. **Alimentação, saúde e doenças em Goiás no século XIX. 2004.** 254 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2004. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103103/magalhaes_sm_dr_fran.pdf?sequence=1&isAllowed=y> acesso 15/11/2017.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cidade e memória: o processo de modernização de Teresina nos anos de 1930 e 1940. In: EUGÊNIO, João Kennedy (org.). **História de vario feito e circunstância.** Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001. p. 129-151.

NUNES, Odilon. **Pesquisa para História do Piauí: Luta partidária e situação da província.** Teresina: FUNDAPI; Fundação Monsenhor Chaves, 2007.344p. v. IV.

OLIVEIRA, Elene da Costa; OLIVEIRA, Elane da Costa. **A arte do bem morrer no Piauí oitocentista.** In: II Simpósio do Maranhão Oitocentista, São Luís- Maranhão, 07 de jun. de 2011. p.49-59. Disponível em: <<http://www.outrostempos.uema.br/anais/pdf/oliveira2.pdf> > acesso: em 05 de agosto 2016.

OLIVEIRA, Eliezer Cardoso de. A epidemia de varíola e o medo da vacina no Goiás. **História, Ciência, e Saúde –Manguinhos, Rio de Janeiro,** v.20, n.3, jun.-set. 2003; p. 939-962. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v20n3/0104-5970-hcsm-20-03-0939.pdf>>acesso em 05 de agosto 2016.

OLIVEIRA, Maria Amélia Freitas Mendes de. **A balaiada no Piauí.** Teresina: Projeto Petrônio Portella,1985.

REIS, Darlan de Oliveira. **CÓLERA, VARÍOLA E FOME NO INTERIOR DA PROVINCIA DO CEARÁ: as crises sociais no Cariri do século XIX. Revista Historiar,** Ceará, v.9, n. 16, p.61-75, jan./jun. de 2017.

SANTOS, José Wellington Alves. **Causas pulmonares de dor torácica.** In: Simpósio sobre diagnóstico de dor torácica. Revista AMRIGS, Porto Alegre, 46 (1,2): 25-27, jan.-jun. 2002. p.25. Disponível: <<http://www.amrigs.com.br/revista/colecoes/Causas%20pulmonares%20de%20dor%20tor%C3%A1cica.pdf>> acesso 13/06/2016.

SEVCENKO, Nicolau. **Historia da vida privada**. 3 ed. São Paulo: Campanhia das Letras, 1998.

SPIX, J. B.V e MARTIUS, C. F. P. Viagem de Oeiras, passando pela vila de Caxias, a São Luís, capital do Maranhão. In: **Viagem pelo Brasil 1817 -1820**. Tradução Lúcia Furquim Lahmeyer. São Paulo. EdUSP, 1981, v.3. p. 225-243.

d) MONOGRAFIAS E DISSERTAÇÕES:

ARAÚJO, Romão Moura de. **A MEDICINA SOCIAL NO PIAUÍ DA PRIMEIRA REPÚBLICA: Saúde Pública e Serviço de Saneamento Rural (1890 – 1930)**. Monografia. (Graduação em História) Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, 2014.

COE, Agostinho Júnior Holanda. **A morte e os mortos na sociedade ludovicense (1820-1855)**. Monografia (Graduação em História) Universidade do Estado do Maranhão- São Luís, 2005.

COE, Agostinho Júnior Holanda. **“NÓS, OS OSSOS QUE AQUI ESTAMOS, PELOS VOSSOS ESPERAMOS”**: a higiene e o fim dos sepultamentos eclesiásticos em São Luís (1828-1855). Dissertação (mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará. Departamento de História, Fortaleza-CE, 2008.

GAZETA, Arlete Audi. A doença. In: **Uma contribuição à história do combate à erradicação da varíola no Brasil: do controle a erradicação**. Tese. (Doutorado em História). Rio de Janeiro, 2006.

MONTEIRO, Denise Brito. **A EPIDEMIA DE VARÍOLA E A VACINAÇÃO OBRIGATÓRIA: Repercussão na sociedade recifense no início do século XIX**. Tese (Mestrado em História), Recife, 2015.

MONTEIRO, Francisco Gleison da Costa. Ocupação, povoamento e modo de viver nas Ribeiras do Piauí. In: **“(...) cumprindo ao homem ser trabalhador, instruído e moralista”**: terra, trabalho e disciplina aos livres pobres na província do Piauí (1850 - 1888). Tese (Doutorado em História), Recife, 2016. p. 40-67.

SANTOS, Nádia Narcisa de Brito. **CIDADE IDEAL E REAL: discurso civilizador e práticas higiênicas em Teresina (1852-1877)**. Monografia. (Graduação em História). Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvídeo Nunes de Barros, 2016.

SILVA, Rafaela Martins. **AS FACES DA MISERICÓRDIA: a Santa Casa de Teresina na assistência pública (1889-1930)**. Dissertação (Mestrado em História). Teresina, 2016.

WITTER, Nikelen Acosta. “...os que não puderem se tratar em suas casas”. In: **Males e endemias: sofredores, governantes e curadores no sul do Brasil**. Tese (Doutorado em História). Niterói, 2007.

SITE:

A HISTÓRIA DAS VACINAS: Uma técnica milenar. Disponível:
<<http://www.ccms.saude.gov.br/revolta/pdf/M7.pdf>>acesso 14/11/2017.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- Tese
 Dissertação
 Monografia
 Artigo

Eu, **Maria Gabriela Macêdo de Moura**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação DE UMA CAPITAL A OUTRA: endemias e epidemias em Oeiras e Teresina (1835-1866) de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 09 de abril de 2018.

Maria Gabriela Macêdo de Moura
Assinatura

Maria Gabriela Macêdo de Moura
Assinatura